

na estética da existência de Foucault (1984). Cada fazer pode ter essa significação de transformação dos sujeitos. Todo fazer é um fazer com o corpo; logo, existência e corpo são uma só realidade, e todo fazer pode possibilitar um ato de arte na vida do sujeito que o fez. Dizendo de outro modo, arte para nós é essa capacidade do corpo produzir novas existências criativas, que podem ser criadas nos atos mais simples e quotidianos ou nas atividades mais elaboradas e eruditas da vida. Escovar os dentes, para muitos, chega a ser um ato automatizado, isto porque este fazer já é apenas a repetição de uma organização que o corpo já adquiriu; mas para os pais de uma criança que iniciou esta capacidade, uma nova fase de sua vida foi iniciada, que pode produzir um júbilo de alegria e felicidade. Todos os fazeres um dia foram obras de arte, quando foram recém-inaugurados em nossos corpos de forma significativa, potencializando novas vidas. Por isso termino esta introdução reafirmando que terapia ocupacional é uma clínica do corpo inteiro.

6

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2 — o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FRANCISCO, Berenice Rosa. *Terapia ocupacional*. Campinas: Papyrus, 1988.
- VAZ, Lisete Ribeiro *et al.* *Terapia Ocupacional: a paixão de imaginar com as mãos*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1993.

II Corporeidade e Terapia Ocupacional

Neste texto tentaremos apresentar algumas dimensões políticas para a terapia ocupacional. Exploraremos alguns conceitos sobre o corpo e a clínica que estarão presentes ao longo deste livro e que de alguma forma se aproximam do conceito de corporeidade. Tentaremos então produzir problematizações em torno do conceito de corporeidade, observando como este conceito pode produzir intercessões com a clínica da terapia ocupacional.

Iremos discutir, ao longo deste texto, que o corpo humano é extremamente complexo e desperta inúmeros interesses e conflitos ao ser pesquisado. As perguntas que sempre fazemos ao pensar e pesquisar sobre o corpo, e que têm grande relevância para a terapia ocupacional, são: Será o corpo algo dado, imutável, com estruturas *a priori*? Qual a relação entre o que pensamos, amamos, sentimos (isto é, a subjetividade) e o nosso corpo? Em que medida o fazer pode transformar o corpo e a subjetividade?

Nas últimas décadas, após o forte predomínio da visão organicista de estudo do corpo — que visualiza os aspectos anatômicos, fisiológicos e biomecânicos —, o pensamento sobre o corpo vem se tornando cada vez mais complexo, envolvendo vários campos do saber.

Freud, ao estudar as alterações sofridas pelas histéricas em seus corpos, revelou a subjugação do “corpo orgânico” pelos caprichos do inconsciente com suas dinâmicas próprias. Uma histérica altera seu comportamento, produz paralisias, anestésias e secreções corporais que, pela via da consciência, não poderíamos acessar. Freud nos mostrou que o corpo está intimamente ligado ao mundo dos afetos, das paixões. Apesar de produzir uma ferida narcísica — revelando que o homem não é o ser da razão, senhor de si, mas aquele no qual o corpo pode ser alterado pelo psicológico —, Freud, em contrapartida, revela, embora com pouca propriedade, o papel do corpo na produção de subjetividade; mas o corpo é apenas um mediatizador dos desejos inconscientes que serão expressos; é o lugar da conversão. Transforma-se primeiro a subjetividade, entra em contato com idéias primordiais, para que os sintomas corporais possam então ser transformados. Há uma certa valorização de um eu/experiência falante, consciente, que se sobrepuja a um eu/experiência corporal.

No campo filosófico, o corpo também é problematizado; não nos esqueçamos da filosofia marxista, que dá à produção da vida material um grande valor, pois é pela maneira como o homem produz, como usa sua força de produção e como estabelece as trocas de seus produtos confeccionados que a sociedade se constitui. Marx dá ao fazer a dignidade de ser um produtor de subjetividade, de humanização do próprio homem. O corpo e suas produções é que determinam nossa vida humana e cultural.

A antropologia, por sua vez, nos apresenta um corpo que se transforma criando novos comportamentos e anatomias mediante o contato com a cultura. Lembremos das mulheres

girafas da Tailândia, que apresentam grandes transformações na anatomia de seu pescoço provocadas por anéis metálicos, ou dos yoguins que voluntariamente alteram seus batimentos cardíacos e seu peristaltismo.

Atualmente, as neurociências vêm mostrando a imaturidade do sistema nervoso, o inacabamento do humano por ocasião do nascimento; imaturidade esta que dá ao homem grande capacidade de mutação e adaptação de seu corpo. Assim, o homem vai se constituindo nas relações com o seu meio e com o seu fazer, criando redes neurais que se configuram de formas diversas a cada momento, possibilitando ações diversas e a perpetuação da vida. É preciso levar o corpo a experimentações para que ele vá se constituindo. As neurociências vêm no corpo o modelo de um sistema poético auto-regulável (Maturana e Varela, 1995). Assim as neurociências e a antropologia revelam um corpo que se constitui na história, nas experiências, no cotidiano. As neurociências, com a idéia de corpo como um sistema fechado auto-regulado no qual tudo se constitui e se transforma, talvez tenham se configurado como uma das propostas mais revolucionárias para o conceito de corporeidade.

Mas, em contrapartida, as promessas revolucionárias da engenharia genética asseguram a capacidade de se reproduzirem corpos idênticos, iguais, como se colocasse na máxima expressão a reprodução em série de nosso sistema capitalista, higienista e eugenista. A genética, com seu pensamento e prática serial, universalista — justificando-se através da oposição entre o normal e o patológico, o produtivo e o improdutivo, o defeituoso e o correto —, revela um corpo fora do tempo, fora da experiência, que tem uma estrutura primordial (o gen) que configura imperiosamente o ser. A genética não pensa, como

a neurologia, num ser que se constitui no tempo, na relação com o mundo e seus fazeres, mas um ser fora do tempo produzido por sua fita de DNA.

A partir destas diversas problematizações sobre o corpo, perguntamos: que pensamentos vêm se constituindo na terapia ocupacional? Tratamos de um corpo fora do tempo, como na genética, ou pensamos um corpo em redes como nas neurociências? Que efeitos tais configurações sobre o corpo produzem em nossa subjetividade e na clínica?

Corporeidade seria pensar este corpo no tempo, formado pelas inscrições históricas, culturais, pelas experiências vividas. O corpo não é um organismo, uma fisiologia, mas algo que se processa e que nunca finda sua estruturação. Nele tudo se produz: subjetividade, cultura, sociedade, poderes, opressões e desejos etc. Cada estruturação do corpo resulta em uma realidade material, psicológica, social, complexa, interligada, indissociável.

Pensar em corporeidade é pensar de que modo a terapia ocupacional interfere na edificação desse corpo, uma vez que todo fazer, toda experiência, toda ocupação opera novas estruturações num corpo.

O corpo é algo que tem a função de estabelecer relações com o mundo, de estar em ação. Ao transformar a vida material, criando um mundo no qual ele estabelece relações e vive, ao produzir o mundo da cultura que é esse mundo do artifício, o próprio corpo se artificializa na produção da vida material. Nestas produções do mundo e do corpo, pensamos num sistema sem-sujeito, onde não é o corpo que simplesmente faz o mundo, nem o mundo que faz o corpo; tudo vai se constituindo; no fazer, o corpo se faz. O modelo das neurociências, para esse entendimento, nos cai muito bem.

É preciso ter presente que o termo artificialismo não revela um corpo máquina, como queria o pensamento cartesiano. Artificialismo indica artifício, criação, produção, invenção.

Percebendo esse artificialismo de suas ações, o homem viu que seu corpo poderia viver mil corporeidades, que seu corpo ia se constituindo na medida em que ele, através dos seus fazeres e ocupações, produzia o mundo. A história da dança é exemplar, uma vez que seu início se dá no momento em que o homem foi capaz de entender a força dos gestos e movimentos dos animais e da natureza. Temos aqui a noção de um corpo criação, de um corpo arte, pois este corpo sempre se remodela. Corporeidade e terapia ocupacional têm a ver então com um corpo criação.

A cada nova experiência o corpo se remodela, possibilitando novas percepções de mundo e, conseqüentemente, produz uma força política e transformadora. Todo novo corpo é um novo sujeito no mundo. "As representações do corpo em ação desempenham um papel importante na consciência" (Damásio, 1996:266) — diríamos aqui; em muitas e inéditas consciências. Um corpo se remodela nas experiências do próprio corpo, é um corpo artesanal que se arquiteta nas suas experimentações. Damásio nos mostra que haveria estados su-



Figura 2 — O homem vive mil corporeidades. "Terra" de Arcimboldo

cessivos do organismo, “cada um neuralmente representado de novo em múltiplos mapas concentrados, momento a momento, e cada um ancorando o eu que existe a cada momento”. O paradigma contemporâneo anuncia os fluxos ininterruptos dos corpos plurais que se fazem a si mesmos. Então, temos um novo conceito para a terapia ocupacional, a partir da corporeidade: o conceito de corpo artesanal.

As ocupações sempre produziram corpos e, conseqüentemente, transformaram o homem. Porém, em um dado momento, essas transformações foram utilizadas como clínica, como medicina. Dá-se aí o surgimento da terapia ocupacional, que iremos datar do século XVIII, com o tratamento moral de Pinel.

12 — Mas a terapia ocupacional nem sempre adotou em seu trabalho a idéia de um corpo arte presente no conceito de corporeidade. Devido à sua origem proveniente da medicina, a terapia ocupacional constituiu-se com idéias reducionistas porque se reduziu ao saber médico. Pensou num corpo idealizado, com posturas e comportamentos inatos, vislumbrou um corpo normal e patológico e entendeu que o fazer poderia normalizar esse corpo. Temos aqui uma certa função ortopédica, pedagógica sobre o corpo, que tem como função básica buscar desvios, entender alterações e corrigir o corpo a partir de um padrão estabelecido como normal. Percebemos que na construção deste padrão corporal, com suas posturas e comportamentos, muitos procedimentos clínicos levam em consideração, de forma não consciente, questões estéticas, econômicas, políticas, sexistas, morais etc.

Nos séculos XVIII e XIX o saber sobre o corpo se intensifica, o homem se constitui como objeto próprio de estudo. O sujeito do conhecimento quer entender a si mes-

mo, e surgem as ciências sociais, que ao buscarem um dado objeto — o homem — criaram uma certa concepção, uma certa idéia, um certo conceito de homem. Por ficarem vinculadas aos modelos das ciências tradicionais, as ciências humanas colocaram o homem fora do tempo e o normalizaram, o naturalizaram, criando olhares universalistas e estruturalistas sobre ele, despotencializando sua faceta de mutação, de criação, de devir.

As pedagogias e medicinas dos séculos XVIII e XIX realizaram um grande investimento sobre o corpo e estabeleceram um padrão de corpo sadio, tentando constituir um corpo universal, um corpo estruturado, que tem sua forma final na engenharia genética, sonho de constituir todos os homens à imagem e semelhança de Deus — perfeito, normal, forte, produtivo. Ao longo destes dois séculos, uma série de disciplinas e práticas buscavam o normal e o patológico, o alinhado e o desalinhado, o corpo correto e o mal-posturado, o corpo hábil e o inábil. Foram criadas inúmeras classificações de corpos, em grande parte visando definir um corpo para a indústria, um corpo produção que atendesse à revolução tecnológica que então se estabelecia. O movimento foi dissecado nos seus pormenores, até as células primordiais. Surgem as anatomias mortas, as fisiologias abstratas, as cinesiologias inativas de um corpo que se move mas não está em ação, e as análises das atividades sem sujeito. Assim, na análise da atividade, o estudo anátomo-fisiológico-cinesiológico não entende o corpo como rede, como estruturas que só têm sentido em conexão, mas como partículas mínimas, unidades geradoras de movimentos isolados. Não atentam para o fato de que é no fazer que cada corpo produz, cria uma técnica própria para cada atividade. A tera-

pia ocupacional, infelizmente, pode ficar presa a esta busca do pormenor do corpo. Na tentativa de entender e dominar as atividades, trocamos o corpo pelo organismo. Reabilitamos, desta maneira, o arco, a força muscular, o tônus patológico; o músculo e a articulação são orientados na reabilitação para a idéia de exercícios corretivos; o arco de movimento se torna uma verdade reabilitatória.

Outro reducionismo é ver o homem com uma estrutura psicológica universal, como fez a psicanálise. Então, principalmente na chamada saúde mental, quando um fazer era realizado, ele muitas vezes não era entendido como produtor de corpo e subjetividade, servindo para revelar como funcionava o mundo inconsciente. Analisava-se o produto do fazer com seus símbolos, mas não se compreendia que esse fazer também configurava novos símbolos não representacionais e instaurava novos sujeitos. Ou seja, o fazer altera a maneira de nosso psiquismo funcionar, a nossa subjetividade; ele maquina nossa estrutura de funcionamento inconsciente. O fazer é um maquinar que altera a estrutura edípica. O Édipo é um efeito dos fazeres quotidianos da família burguesa. O inconsciente tem carne, e não apenas símbolos.

Mas, contemporaneamente, com o conceito de corporeidade atravessando o ato do fazer e a terapia ocupacional, passamos a pensar no corpo e nas ações de forma complexa: corpo e fazer funcionando em redes, em estruturas móveis. Não se procura simplesmente corrigir ou normalizar um corpo, mas também produzir de novos corpos, novos fazeres. Devemos pensar com as neurociências: nosso ato reabilitatório é fazer com que as ações e o corpo que as realiza, levam a um novo sistema auto-organizado que seja produtor de intensidades na vida do sujeito.

Tentaremos agora apontar novas dimensões para o fazer e visualizar como este processo constitui corpo e subjetividade. Primeiramente, ressaltamos que o fazer não é algo que serve apenas para se comunicar com camadas profundas do inconsciente, ou que o fazer executado de uma determinada forma corrige o corpo. Entendemos que o corpo sonha, e sonhar aqui não é revelar símbolos, mas configurar novos corpos, com novos sentimentos, novas subjetividades, novas sensibilidades. Através dos fazeres, muitos mundos são produzidos. O corpo sonhador cria novos entendimentos sobre a vida. Há entendimentos de diversas ordens. Quem é que sabe racionalizar a maneira como se solta pipa, ou a maneira como é produzida uma certa sensação de leveza no braço de um bailarino? Um bailarino sonha diferente com seu corpo; diferente é o corpo sonhador de um menino que solta pipa. Com certeza um bailarino e um menino que solta pipa terão olhos e sentimentos diferentes ao olhar os corpos das pessoas. Questionamos então se o fazer não é constituidor de novos saberes, novas percepções de mundo, novos desejos no e para o corpo, ou seja, novas subjetividades. A reabilitação só é possível quando ativamos o desejo de possuir novas possibilidades corporais, novos desejos e não apenas o movimento. Isto é o que chamamos de corpo devaneio. Diferente do corpo devaneio, o corpo sonhador não é a antecipação mental de um fazer ideado, ou a imaginação de algo que poderei fazer; é no fazer que experimentamos sensações tão intensas, prazerosas, inéditas, que “dizemos”: estou sonhando com a carne nesta experiência inédita, configurada num instante, mas é um instante em todas as células, em todos os órgãos, e que me produz “delírios”, “alucinações”, devaneios, sonhos reais, existentes, acordado de olhos bem abertos... Todo corpo tem essa produção onírica-carnal. O bailarino sonha com seus gestos e saltos, o menino com suas braçadas

poderosas na linha da pipa. O corpo sonha com tudo que ele pode produzir, criar, dominar, experimentar.

A partir daí, os conceitos de corpo artesanal e de corpo sonhador da terapia ocupacional ganham potência máxima, pois entendemos que os trabalhos com os fazeres e suas atividades, por serem produtores de novas subjetividades, também podem constituir novas sociedades, novas solidariedades. O corpo e a terapia ocupacional podem e devem ter um papel político — temos então o conceito de corpo resistência: no ato de outrar-se, de tornar-se novo, de sonhar com sensibilidades e movimentos não-pasteurizados, inauguramos novas corporeidades, produtoras de diferença e que resistem às capturas de alisamento do *socius*. Sonhar com o corpo é colocar a resistência em ação.

16 — É com Foucault (*apud* Deleuze, 1992) que se revela uma nova possibilidade de pensar o papel do corpo nas sociedades capitalistas. Foucault afirma que muito mais que reprimir o corpo, muito mais que disciplinar e aprisionar o corpo, a sociedade capitalista trabalha de forma mais cruel sobre o homem e sua existência. O corpo seria o lugar de maior força criativa, de mudança, de produção de novas possibilidades, de devires, e é justamente por entender esta capacidade de desejo de criação e mutabilidade do corpo que o capitalismo age de maneira mais intensiva sobre o próprio corpo, ou seja, não reprime um corpo, mas produz desejos, produz um corpo nos conformes de seus desejos capitalistas. Desejamos o corpo produtivo, viril, jovem, ágil, belo, sexualmente ativo, desejamos corpos siliconados e cibernéticos, desejamos as ocupações da moda, o trabalho legitimado. É um desejo, e não uma repressão. O capitalismo captura o que há de mais intenso e criativo no homem: o próprio corpo.

Mas, com o desenvolvimento do conceito de corporeidade e da importância das ações e ocupações na constituição de novos sujeitos, algumas resistências a essa produção de desejo podem criar novas sensibilidades e estratégias para a clínica. Configura-se, então, uma função de militância existencial para a terapia ocupacional. Não aquela romanticamente que apenas quer liberar o homem de suas opressões sociais, ou corrigi-lo de suas deformidades, mas aquela que quer denunciar os desejos cruéis criados numa coletividade perversa, pasteurizante e homogeneizante do *socius*, da vida. Revelar os desejos de um certo tipo de corpo que muitas vezes desvaloriza e coloca o próprio corpo como desqualificado, principalmente após o aparecimento de uma patologia. A partir de agora, só pode haver clínica e vida quando primeiramente perceber que “meus desejos e meu corpo” são produzidos através de minhas ações quotidianas. Não sou somente um ser individual, íntimo, mas um ser produzido numa rede de relações que me penetram e me constituem. Na maioria das vezes, nem tenho consciência destes aprisionamentos, desta constituição, isto porque muitas vezes amamos incondicionalmente e desesperadamente o que nos aprisiona. O corpo é o lugar de um sadismo cruel, dos vícios do desejo, de ocupações homogeneizantes. Somos uma sociedade que se droga virtualmente ao repetir, sem qualquer crítica e resistência, as formas de uso de nossos corpos. Digo comumente que o inimigo me habita: bebo coca-cola, falo inglês.

Assim, a própria terapia ocupacional deve questionar a doença, a atividade e o corpo como coisas “em si”. É necessário problematizar que a doença, a clínica, as ocupações e o corpo são produtos históricos regados pelas águas sedutoras do poder. Que doenças a nova sociedade está produzindo sem

que tenhamos consciência de seus efeitos? A clínica da terapia ocupacional deve também denunciar os intensos mecanismos através dos quais o corpo e as próprias ações e ocupações participam na constituição de uma sociedade de controle (Deleuze, 1992). Quando entendemos as capturas, podemos sair desse corpo constituído e criar novos corpos, resistir de algum modo à subjugação de nossos desejos gerando desejos singulares, díspares. Nossa proposta final, então, se traduz num questionamento: de que maneira devemos pensar a terapia ocupacional? Devemos entender que a terapia ocupacional não é apenas um processo de “tratar doenças”, porque, através do fazer, ela produz novas pragmáticas, novos corpos, convocando todas as atividades, movimentos e ações corporais como forma de militância criativa que resiste às formas de alisamento do *socius*, permitindo que o corpo artifício, o corpo arte, o corpo criação, o corpo sonhador garantam a intensidade da vida.

18

Referências Bibliográficas

DAMÁSIO, Antônio R. *O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do Entendimento Humano*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

III Imagem e Esquema Corporal

Ao estudar o corpo e sua relação com os processos terapêuticos ocupacionais, sentimos a necessidade de problematizar alguns conceitos basilares para as práticas clínicas. Estamos falando dos conhecidíssimos conceitos de imagem corporal e esquema corporal, provenientes dos estudos da psicomotricidade. Apesar de não darmos conta de nossas perspectivas de corporeidade, achamos importante resgatá-los, redimensionando algumas de suas perspectivas. A permanência destes conceitos se faz porque são termos bastante conhecidos das práticas terapêuticas, porém não queremos deixá-los limitados à visão que comumente se apresenta, de que esquema e imagem dizem respeito a funções específicas de reconhecimento do corpo. Outro problema que devemos observar é que o estudo de funções psicomotoras, fragmentando o corpo em aspectos como lateralidade, imagem e esquema corporal, entre outros, pode ser tão compartimentalizado como o estudo fisiológico ou anatômico tradicionais do corpo que estudam funções e sistemas ou estruturas anatômicas de forma isolada e fragmentada. Mas vamos correr este risco de um reducionismo, por uma questão de praticidade. Estes conceitos, para nós, passam a ter importância, pois podem nos conduzir a um processo constante

de estruturação do corpo produzida na relação em que este constitui e é constituído no mundo, na produção da vida material e de sua existência.

Para alguns, voltar a ler sobre distinção entre imagem e esquema corporal pode não ser nada inovador, mas optamos por esse retorno por uma questão didática, pois, apesar de a literatura de psicomotricidade apresentar vastamente este assunto, sentimos que alguns entendimentos acerca destes conceitos não se apresentam de forma clara; e também porque tentaremos falar destes conceitos através da ótica de um terapeuta ocupacional.

Na literatura de psicomotricidade, os termos imagem e esquema corporal aparecem com muita frequência, porém poucos são aqueles que apresentam com clareza a distinção conceitual entre um e outro. Comumente eles são usados como sinônimos. Aqui tentamos fazer uma distinção que é mais conceitual do que existencial, que pretende ser mais didática do que funcional, uma vez que tentar identificar no corpo onde cada um começa e onde termina não é muito prudente. Seria um reducionismo, como já mencionamos.

A imagem e o esquema corporal são conceitos, por isso abstrações teóricas, que nos auxiliam a entender como o corpo vai se estruturando ao longo de sua existência. O corpo não é uma entidade pronta ao nascimento; é na relação com o mundo, com a cultura, com a vida afetiva, com os fazeres, com as ocupações que nele se produzem contornos, estruturações que nunca findam o seu processo. O corpo tem uma constante modificação de sua organização, buscando novas formas de existir no mundo. Para existir, organizamos esquemas e imagens em nosso corpo.

Além dos conceitos de imagem e esquema corporal, a psicomotricidade vai entender que este corpo se organiza

que este
da vida
imagem e
um por
tu-
en-
se
falar
cional.
imagem e
porém
distinção
os como
e mais
dica
de onde
teria
por isso
o corpo
rpo não
com o
es, com
urações
onstan-
rma de
e ma-
nal, a
rgaiza

através de outras funções importantes como a lateralidade, a equilíbrio, a noção de espaço, a noção de tempo, a praxia global, a praxia fina e a respiração, que também são conceitos e não se manifestam de forma isolada nos fazeres. Consideramos que a imagem e o esquema corporal são funções psicomotoras primárias, enquanto que as demais são por nós denominadas de secundárias. Tal classificação se faz por se entender que, se não há uma relativa constituição de esquema e imagem corporal, o corpo tem uma condição muito precária para desenvolver as demais funções, e seria tolice se não há um corpo constituído, ficar “treinando” lateralidade ou equilíbrio de forma isolada, sem entender esta estruturação do corpo.

Esquemáticamente, as funções básicas da psicomotricidade são:

FUNÇÕES BÁSICAS DA PSICOMOTRICIDADE

Funções primárias

- Imagem Corporal
- Esquema Corporal

Funções secundárias

- Lateralidade
- Noção de Espaço
- Noção de Tempo
- Praxia Global
- Praxia Fina
- Respiração
- Equilíbrio

Estas são funções que se complexificam e que vão tornar o sujeito pleno em suas ações, fazeres e ocupações no mundo. Para nós, terapeutas ocupacionais, as funções psicomotoras são importantíssimas, uma vez que nossa preocupação final é levar o sujeito ao retorno de sua vida ocupacional, e isto só é possível com a organização das funções do corpo. Assim, devemos entender que os movimentos por si só não resgatam a vida ocupacional, pois muito mais que cumprir o protocolo de um arco de movimento, ou aumento da força muscular, as atividades, as ocupações exigem organizações espaciais, temporais e, principalmente, práxicas.

É na mediação da imagem corporal com o esquema corporal que todas as funções psicomotoras podem se estabelecer, através de uma estruturação corporal. Quando se tem a imagem e o esquema corporais bem estruturados, as outras funções podem se organizar.

É importante relatar também que, se há um comprometimento intenso na imagem ou no esquema, um afeta severamente o outro, pois conceitualmente podemos entendê-los de formas isoladas, mas no corpo eles existem de forma indissociável. Se tomarmos com exemplo um usuário autista de base psicótica, ele tem sua alteração na imagem corporal devido às questões afetivas parentais que não se estabelecem de forma significativa; mas este autista também não formará o esquema corporal, apesar de neurologicamente não haver comprometimento que o impeça de ter memória e organização de seus padrões corporais.

Podemos também tomar um exemplo no qual o esquema compromete a imagem. O hemiplégico tem sua imagem corporal comprometida, isto pode ser notado nos desenhos

onde ele faz de forma alterada o seu lado hemiplégico, ou ainda na impotência masculina que às vezes aparece.

Para clarearmos conceitualmente estes termos, passamos a expô-los de forma mais detalhada.

DESENVOLVIMENTO DO ESQUEMA CORPORAL

É importante entender que o homem tem uma grande capacidade mutacional e adaptativa. Seu sistema nervoso e seu corpo nascem bastante imaturos, e são as exigências externas que vão solicitar determinadas organizações neurais, musculares e fisiológicas que facilitarão a adaptação do sujeito às exigências de um meio e de uma cultura. De modo geral, quanto maior a capacidade adaptativa, mais imaturo é o seu sistema neurológico e sua organização corporal. As redes neurais que se constituíram são efeitos de estímulos. Há assim uma grande plasticidade do sistema nervoso e do próprio corpo, da própria vida humana. Cada mapa concentrado das redes neural é uma forma adaptativa que facilita que o corpo se ajuste às necessidades que a vida lhe apresenta. Por isso a criança tem uma capacidade de aprendizado e de transformação inigualáveis. Ela não tem uma organização neural plena, a formação da bainha de mielina e as múltiplas formas de conexões encefálicas dos neurônios, por exemplo, dependem das diversas experiências que a criança vivenciará. É a relação com o mundo que produz redes neurais na criança. Denominamos este acontecimento de plasticidade ontológica (Lent, 2001).

Estamos aqui tomando a rede neural como exemplo primordial para a imaturidade e organização do corpo, mas todo corpo apresenta esta imaturidade, que possibilita grande ca-

pacidade adaptativa e mutacional do sujeito. A criança, assim, nasce sem “corpo”, pois não o interpreta, não o reconhece, não o domina, não tem memória dele, e começa a receber estímulos diversos que vão impregnando seu corpo. São estes diversos estímulos que organizam o esquema corporal e nele produzem mudanças ao longo da vida.

A estruturação do esquema corporal depende da relação com o mundo e acontece por meio da sensopercepção, que apresenta três vias: interocepção, propiocepção e exterocepção (Fonseca, 2002). Temos, assim, três caminhos nos quais os estímulos podem ser levados a registrar as sensações corporais recebidas e que são responsáveis pelo desenvolvimento do esquema corporal:

24 — A) Interocepção — Nesta sensopercepção os terminais nervosos são bastante internalizados, e se encontram no parênquima das vísceras geralmente só temos consciência dela quando o mal funcionamento de um órgão, como ocorre na dor de cabeça, no mal-estar digestivo ou em alguns processos fisiológicos como nas cólicas menstruais.

É difícil de se trabalhar a interocepção, porque só sentimos os órgãos internos em caso de dores, mal-estar ou processos fisiológicos; se estão com funcionamento normal, não se tem grande consciência dessas partes. Mesmo assim o trabalho de estimulação pode ser feito através da conscientização da respiração. Em práticas orientais corporais, como yoga, há a conscientização de musculaturas involuntárias, levando, por exemplo, à alteração do peristaltismo.

B) Propriocepção — Nesta sensopercepção os terminais nervosos se localizam em nível de perióstio, tendões, articulações,

e nos fornecem duas informações básicas: a postura do corpo e seus movimentos. Mesmo de olhos fechados sabemos como está nosso corpo, que movimentos estamos fazendo, a postura em que nos encontramos, e somos capazes de descrever onde e como está cada segmento corporal. Alguns hemiplégicos, em contrapartida, de olhos fechados não conseguem perceber seus movimentos corporais e têm dificuldade para identificar suas posturas do lado plégico, porque têm alterações propioceptivas. Para conscientizar a propiocepção podemos trabalhar através da co-contracção, que ocorre quando há a aproximação de dois segmentos ósseos e suas superfícies articulares. Este contato das extremidades estimula os terminais nervosos localizados no perióstio e nas articulações. A co-contracção pode ser passiva ou realizar-se através de atividades com o apoio das mãos sobre uma superfície, deixando o peso do corpo atuar, aproximando as superfícies articulares.

Podemos também criar atividades nas quais nosso usuário, de olhos fechados, tenta identificar formas, trajetórias e posturas do corpo. Por exemplo, podemos solicitar que um usuário memorize que a extensão de cotovelo de um braço é o ponto um, e a flexão é o ponto dois; o usuário fecha os olhos, passivamente seu braço é colocado aleatoriamente em extensão e flexão, e ele terá que identificar se a posição é a número um ou a número dois. Novas posições podem ser adicionadas, complexificando a atividade.

Pode-se ainda realizar a percussão óssea com colher de pau ou bambu. O som se propaga pelos sólidos, e na percussão são criadas ondas sonoras que vão vibrar em todo o esqueleto, estimulando os terminais nervosos do perióstio. Porém o mais importante é saber que qualquer atividade leva incondicionalmente à normalização da propiocepção. Devemos também

atentar que comumente solicitamos ao nosso usuário hemiplégico que retifique sua postura; o espelho às vezes é usado, e neste caso a retificação se faz por meio da via exteroceptiva da visão. Mas o uso do espelho nas atividades deve ser restrito, para que o usuário organize sua postura através da propriocepção, pois é assim que nos orientamos posturalmente na maior parte de nossas atividades quotidianas.

C) Exterocepção — Nesta sensopercepção temos os terminais nervosos mais externalizados, nos colocando em contato mais direto com o mundo externo. Os sentidos da audição, da visão, da gustação, do olfato e do tato nos informam das modificações do mundo e colocam nosso corpo numa relação direta com essas modificações. As atividades podem fornecer um bom trabalho exteroceptivo, uma vez que os materiais empregados possuem texturas, pesos, consistências, odores e sons diferenciados.

26

Há ainda sensopercepções híbridas, como a estereognosia, que é mista, pois depende da propriocepção e da exterocepção. Quando identificamos um objeto manipulando-o com as mãos, isto é possível porque associamos as informações das texturas e materiais deste objeto (exterocepção) com sua forma, tamanho (propriocepção), produzindo uma *gestalt* sensoperceptiva.

Ao longo da vida, estes estímulos de diversas ordens vão impregnar o corpo do indivíduo, fazendo arquivar uma memória de seu corpo em diversos aspectos.

Didaticamente, a literatura separa o desenvolvimento corporal em etapas. Essas etapas não têm uma cronologia em seqüência rígida, seu surgimento depende de uma série de fatores. Apresentamos a seguir algumas destas etapas que acreditamos ser relevantes:

a) Autossomatognóstico — é auto-referencial, ocorre quando a criança consegue entender o seu próprio corpo, organiza espacialmente a disposição dos componentes corporais etc.

b) Heteroferencial humano — vai projetar o conhecimento do próprio corpo para o corpo do outro. Descobre-se então que os outros corpos têm olhos, braços, dimensões etc; mas o esquema é ainda o de uma única espécie, que é a espécie humana.

c) Heteroferencial não-humano — vai projetar no corpo do outro para outros corpos diferentes do corpo humano, ou seja, entra na constância de percepção heterossomatognóstico não-humano. Por exemplo, se uma criança pequena não sabe onde está a boca de um pato, ela não consegue transferir o esquema corporal que é próprio do ser humano para outros seres; uma criança maior, que tem a constância de percepção, sabe diferenciar uma boca diferente — no caso, um bico.

d) Dimorfismo sexual — é uma noção a ser desenvolvida no esquema corporal que tem grande relação com a formação da imagem corporal, pois é a percepção de dois esquemas corporais diferenciados — masculino e feminino. Segundo teorias psicanalíticas, tem relação com a castração, que é um fator importante na estruturação do sujeito, uma vez que dissolve a relação simbiótica na qual se encontram a criança e mãe nos primeiros meses de vida.

O dimorfismo sexual pode ser então:

Primário — a criança percebe a diferença dos órgãos genitais;

Secundário — a criança aprende outras características corpo-

rais pertinentes a cada sexo, como barba, seio, pêlos, forma do corpo;

Cultural — é o entendimento dos padrões culturais de cada sexo: homem com calça comprida, cabelo curto, mulher com brincos etc.

Podemos às vezes encontrar nas crianças com deficiências mentais, bem como nas psicoses residuais provenientes de uma grande institucionalização, a não-identificação sexual. Muitos perdem estas noções das diferenças anatômicas e culturais entre homens e mulheres. E ainda podemos entender que há sujeitos que têm um esquema corporal e sabem seu sexo, porém fazem opção por outra imagem, como ocorre com o travesti, que é capaz de tentar transformar seu sexo cirurgicamente pelo desejo de uma outra imagem.

28

IMAGEM CORPORAL

A imagem corporal é uma maneira de se relacionar, de se identificar com o próprio corpo, de visualizar, sentir e constituir o corpo atravessado por questões afetivas e culturais. O esquema corporal e a imagem corporal estão ligados, um não existe sem o outro. Quando pedimos a uma criança para desenhar a sua própria figura ou uma figura humana qualquer, o que podemos verificar? Seu conhecimento de esquema corporal e também da imagem corporal.

Para se compreender mais a formação da imagem corporal, a psicanálise nos fornece alguns conceitos valiosos.

Lacan (*apud* Dor, 1989) ao fazer uma releitura de Freud, afirma que o desejo é sempre o desejo do outro. Vamos tentar

entender o significado desta afirmação e a sua importância para a formação da imagem corporal

Nos primeiros dias após o nascimento, a criança tem muitos movimentos involuntários, desorganizados e sem significados. São significantes vazios, pois a cultura, as figuras parentais próximas à criança não significaram este corpo, não o mapearam.

No corpo, de forma bem simples, podemos dizer que uma região eroticamente importante para uma pessoa é um significante e um significado. Se essa região for o pescoço, por exemplo, esta parte anatômica é o significante; o imaginário, as sensações, o prazer que envolve esta parte são os significados incorporados a esta anatomia. Significado é o conceito, uma sensação, um desejo.

A criança ao nascer não tem esquema nem imagem corporal. O esquema depende do amadurecimento neurológico para receber os estímulos e entender o corpo como um todo, e as partes que o compõem. A imagem corporal, por sua vez, está ligada ao afeto.

Nos primeiros meses a criança não percebe seu corpo de maneira unificada, não consegue distinguir o que é o seu corpo e o que é o outro, o que é a mãe. Seio materno e criança se confundem. Há uma relação simbiótica corporal entre mãe e filho.

Sempre que há desconforto, seja por fome, sono, sede ou dor, a criança chora. O choro é um significante não-determinado, não-significado. Diz-se que as mães sabem diferenciar o choro de seu filho. Isso nos faria pensar que há choros diferentes na criança desde o nascimento, uma espécie de protolinguagem que a mãe descobriria. Mas, através de Lacan, diríamos não à idéia de uma linguagem preexistente na criança. Afirmaremos que a criança não tem um choro específico

para cada desconforto após o nascimento. Será a mãe que dará significados aos diversos choros da criança. A mãe tenta, inconscientemente, “descobrir” o que a criança quer, e nesse desejo de estabelecer uma comunicação e na repetição de suas ações faz com que o choro da criança ganhe significados por ela estabelecidos. No primeiro momento do choro é a mãe que vai à criança e apresenta a ela uma ação, ou o seio, ou o colo, que estabelecerá um significado ao significativo choro, que até então era amorfo, impreciso de significações. É o desejo da mãe, seu ato, que preenche este significativo choro de uma significação. O desejo é o desejo da mãe; o desejo é o desejo do outro.

A mãe, então, vai dar significados à vida da criança — choro, corpo, gestos, ações etc. A criança quando nasce é uma folha com palavras, frases e idioma a serem escritos nessa relação com a mãe e com o mundo. É o mundo, a cultura, a família que escreve o idioma a ser aprendido pela criança. É o desejo do mundo que num primeiro momento a criança irá aprender, com seus significantes e significados. A figura materna será aquela que irá escrever essas primeiras impressões. A formação da linguagem é tão inconsciente que parece, para a maioria das mães, que uma certa natureza da criança é que se manifesta, e as mães apenas descobririam como a criança se comunica com o choro. Porém a criança está sendo “naturalizada” nos significados e na comunicação da figura materna e da cultura.

Mas, com o amadurecimento da criança, há necessidade de um afastamento dessa mãe cortando então esta relação corporal simbiótica. A castração surge para produzir esta separação, esta interdição entre a criança e a mãe. A castração é o impedimento do objeto do desejo da criança, que é a pró-

pria mãe. Nesta separação, a criança e a mãe não serão mais um único corpo, a mãe não é mais parte da criança.

Segundo Freud, quando o objeto do desejo não é possível para a criança, há a castração. Lacan chama a esse momento de o “Nome-do-pai”, porque na nossa cultura é o pai que dita as regras, o pai é a lei, é a interdição.

A castração permite que a criança estruture sua própria identidade, perceba seu corpo como uma entidade distinta do corpo da mãe.

Quando a criança começa a ser colocada diante do espelho e percebe que aquela é uma imagem sua, sabemos que ela está formando sua imagem e, conseqüentemente, seu esquema corporal. A esta fase Lacan (1998) denominou de estágio do espelho.

A capacidade que o homem tem de simbolizar o seu próprio corpo, de interiorizar a sua imagem, é muito importante para o esquema corporal. O homem é um ser que consegue simbolizar; isto é visto através da arte, da fala, da escrita, das linguagens, da imagem e do esquema corporal gravados no córtex.

Na fase da separação do corpo da criança com o corpo da mãe, o estágio do espelho, a formação de sua imagem corporal também permitirá que a criança entre na língua corrente de sua cultura. Através da fala ela pode ampliar seus vínculos sociais. Entrar na cultura, na fala, é possível porque a criança apodera-se de significantes com significados socialmente reconhecidos, o que difere da comunicação relativamente simbiótica e limitada estabelecida com a figura materna através do choro.

Então, a castração é necessária para que haja a separação dos corpos, para que se rompa a simbiose, para que a criança comece a formar a sua própria imagem corporal e entre na fala e na cultura.

No autista há a forclusão do “Nome-do-pai”, isto é, a castração não se processa integralmente. Não há separação dos corpos, o fim da simbiose. Criança e mãe continuam atadas no mundo simbólico.

A criança, além do choro na fase inicial, emite outros significantes, tais como: movimentos, risos, expressões faciais diversas etc. Ao longo desse desenvolvimento, a mãe vai dar significado não só ao choro, mas a todo o corpo da criança.

Se durante o banho a mãe toca a criança numa determinada parte e “acha” que a criança gosta, sente prazer, freqüentemente irá repetir este gesto, numa tentativa de estabelecer relação com a criança. A criança então incorpora esse significado a este gesto dado pela mão, e passa a compreendê-lo como prazer, carinho.

É a figura materna que mapeia, dá significado às partes do corpo, aos gestos, aos movimentos nas relações de afeto, de carinho. Depois, outras figuras afetivas e também as próprias normas da cultura contribuem nesse mapeamento, imprimindo desejos e comportamentos corporais. Pensemos, por exemplo, em um menino que descobre seu órgão genital. É comum achar “engraçadinho” tal descoberta, mas se o mesmo acontece com uma menina frases como “não põe a mão suja para não dar bichinho” aparecem. Dois corpos, dois comportamentos, imagens corporais sexistas típicas de nossa sociedade. Afirmamos então que desde a família até as normas da cultura a imagem corporal está se processando.

O corpo de cada um é mapeado de maneira diferente, por isso existem regiões mais sensíveis, melodias cinéticas, tecnologias corporais individuais, dinâmicas próprias de cada corpo. O corpo, ao ser simbolizado, adquire comportamentos

motores, gestuais, posturais que estão para além da anatomia e da genética. Mas quem imprime estes desejos e comportamentos é a família e a cultura. Desejamos o desejo do mundo; ao entrarmos na cultura, ao assimilamos as normas, constituímos um corpo e desejos provenientes do mundo, nossos desejos são desejos em nós inculcados. O desejo é sempre o desejo do outro.

A seguir apresentamos um quadro sinóptico destas funções basilares:

| Imagem corporal | Esquema corporal |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Psíquico/afeto | Neurológico |
| A imagem corporal de si | Um entendimento das partes e do corpo como um todo |
| Verbo <u>ser</u> (eu sou, eu me sinto assim) | Verbo <u>ter</u> (eu tenho, eu tenho um corpo) |
| Formada pelos desejos familiares, sociais e culturais | Formado nas experiências corporais diversas |
| Possui memória mais longa, demora-se mais a modificar a imagem | Possui memória mais curta. Mudanças se processam mais rápido, como nas gestantes, que ganham novas dimensões corporais |
| Trabalhada com atividades utilizando-se do imaginário, do lúdico, do prazer, do brincar | Trabalhada através de atividades que forneçam estímulos sensoriais e consciência corporal, e também com uso de calhas de repouso |

Referências Bibliográficas:

DOR, Joël. *Introdução à Leitura de Lacan: o Inconsciente Estruturado como Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FONSECA, Vitor da. Uma Abordagem Neuropsicológica do Esquema Corporal. In: FERREIRA, Carlos A. de Mattos; THOMPSON, Rita (orgs.). *Imagem e Esquema Corporal: uma Visão Transdisciplinar*. São Paulo: Lovise, 2002. p. 29-42.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LENT, Roberto. *Cem Bilhões de Neurônios: Conceitos Fundamentais de Neurociências*. São Paulo: Atheneu, 2001.

IV Estrutura e Estruturação do Corpo

Nesta parte de nosso livro queremos estender alguns temas já apresentados anteriormente. Nossa idéia basilar é que todo fazer, toda ocupação organiza um corpo, mas o corpo é efeito e sujeito desta ação. Há uma circularidade auto-regulável neste sistema fazer-corpo. Ao estar em ação, o próprio sujeito modifica o seu corpo. O sujeito produz a ação e é provocado pela própria ação para sua modificação. Mas por que essa ação transforma este homem, este corpo?

É importante salientar que para nos relacionarmos com o mundo é preciso interpretá-lo, senti-lo, conhecer como ele é. Este conhecimento, esta apreensão do mundo, nós a fazemos a partir da sensopercepção. À medida que os objetos e fenômenos do mundo entram em contato com nosso corpo, nós os sentimos, os percebemos, tomamos conhecimento deles. Cada pessoa, ao longo de sua vida, recebe um repertório de estímulos bem variados e próprios da sua vida ocupacional: um padeiro, um pedreiro e um empalhador são estimulados por materialidades distintas. Se é através da sensopercepção, como já vimos anteriormente, que nosso corpo se constitui e organiza um esquema corporal, está claro que há tantas organizações corporais distintas quanto vidas ocupacionais. A cada repertório de estímulos, um novo

esquema corporal se engendra: Não temos apenas um esquema corporal, nem apenas uma imagem corporal; são muitos, ao longo de nossa vida, efetivados mediante nossa mudanças de fazeres, de ocupações, de ambientes etc. O corpo é efeito de uma relação do homem com seu fazer.

É facilmente visível que cada corpo é transformado ao longo de sua vida pelo envelhecimento e pelas ocupações do sujeito. No entanto, comumente somos avassalados por uma série de informações da ciência, que tenta apresentar um corpo com estruturas, sejam elas genéticas, psicológicas, sociais, ou funcionais. Estas estruturas são geralmente usadas como caminho classificatório que, em algumas clínicas, podem nos servir para uma intervenção. Por exemplo, ombros projetados podem indicar um padrão corporal 'X' que indica a personalidade 'X'; logo, este corpo tem que ser modificado para um padrão 'Y', considerado normal. Ou ainda podemos afirmar que um sujeito seqüelado de um AVE teve um bom progresso na terapia porque seu corpo está alinhado ou simétrico. Muitas destas explicações podem parecer bastante sofisticadas, associando fisiologia e anatomia a estados emocionais, criando uma espécie de leitura psico-corporal-comportamental. Parece que, pelo fato de estarmos incluindo uma análise subjetiva, psicológica, deixamos de ser reducionistas. Mas o reducionismo tem muitas faces. Avaliar uma certa postura corporal pode envolver mais parâmetros estéticos do que imaginamos. Parece que nos valores e práticas reabilitatórios, a retidão do corpo — símbolo de uma burguesia elegante, ágil, urbana e industrializada — ainda é desejada. Associar fatores psicológicos ao corpo não retira do nosso olhar uma visão que busca estruturas na dialética do normal e do patológico, do

correto e do incorreto. A psicanálise, lugar de descoberta do mundo pulsional, irracional do homem, é um dos sistemas mais estruturados e classificatórios que conhecemos.

Mas ainda na modernidade temos um outro saber que visa a detectar fatores microestruturais para o corpo: a genética. O corpo aqui seria efeito de uma determinação que estaria fora do tempo, fora da experiência, fora da relação deste corpo com as ocupações. Chegaríamos no máximo de determinação estrutural para o corpo.

Nosso trabalho incide justamente na proposta de se apostar no corpo como uma estruturação. Mas poderíamos nos perguntar: o corpo não tem que se organizar numa complexa relação funcional e vital entre seus diversos órgãos e sistemas, que entram em relação com forças do mundo como a gravidade, o clima etc? Sim, ele se organiza, mas não produz uma estrutura aferível, classificável, estável, universal; ele apenas produz estruturações. As estruturações são organizações transitórias, voláteis do corpo, para que ele esteja na forma de um sistema auto-regulável, a fim de possibilitar a vida e as ocupações. Quando falamos de estruturações estamos falando de uma estrutura na ação, de uma estrutura-ação, um corpo que se produz na medida em que produz o mundo. Logo, não há elementos invariáveis, não-transformáveis, não-remodelados no corpo. Mas isso não quer dizer que não trazemos características definidas, e até imutáveis, em nosso corpo; o que ocorre é que estas características não se manifestam ou agem sozinhas. Toda ação ou função do corpo sempre acontece através de muitas relações; assim, por mais definitivo que seja um fator no corpo, sua expressão jamais será efetivada deste modo, uma vez que os outros elementos

da relação são transformáveis, dependem da experiência. Há muito mais fatores mutáveis do que estáveis; então, praticamente só há estruturas no corpo.

Para a vida, o corpo criado por estruturas ganha um sentido muito positivo, pois as estruturas constantes permitem sempre novas formas de estar no mundo, novas condições de existência e de adaptabilidade. Por isso afirmamos que a estruturação é compatível com a vida.

Anteriormente já visualizamos que as ocupações têm uma função importante na produção do corpo: elas formam um corpo, organizam sua estruturação. Esta organização temporária é capaz de tornar esse corpo efetivo em suas ações. Também vimos que o mundo é conhecido pelo corpo através da sensopercepção. Só percebo as materialidades e os fenômenos que chegam ao meu corpo; portanto, só há percepção quando meu corpo se relaciona com algo. E a organização, a estruturação do meu corpo vai depender diretamente destes elementos de que meu corpo se aproxima. Em cada relação, são estímulos diferentes que o meu corpo percebe; então, a formação do corpo depende dos estímulos que ele percebe. Cada corpo se relaciona com determinados estímulos de sua vida ocupacional, e cada grupo de estímulos de determinadas ocupações produz um corpo específico. Se até aqui compreendemos essa circularidade faz-se necessário complexificá-la ainda mais. Uexküll (s.d.a) nos mostra que cada ser vivo só percebe no mundo aquilo que sua estrutura corporal permite; é o que ele denominou de mundo-próprio. Notamos aqui uma circularidade mais complexa ainda: cada corpo é produzido na relação a partir das sensopercepções das ocupações com que ele se relaciona, porém ele só percebe destas ocupações aqueles estí-

mulos que sua estruturação corporal lhe permite perceber. Um leigo, ao escutar Debussy, distingue sons agradáveis; um pianista, ao executar a mesma peça, reconhece as terças, os *rubatos*, as dissonâncias, as colcheias: escuta um outro mundo sonoro.

Duas ocupações jamais estimulam da mesma forma dois corpos, pois estes corpos dependem das suas estruturas anteriores para serem estimulados. Estas estruturas anteriores são frutos de suas ocupações pretéritas. As ocupações não só formam as estruturas do corpo, mas sua forma própria de sentir e agir no mundo.

Para atuarmos no mundo, com ele nos relacionamos, dependemos diretamente das sensações e percepções que nosso corpo pode captar. É através delas que fazemos cálculos, interpretamos como agir, que mundo está à nossa frente. Só que este mundo é um mundo efeito de nossas estruturas corporais, que criam uma maneira própria de perceber o mundo, e esta maneira própria de perceber o mundo é efeito de nossas ocupações. Logo, cada ocupação inaugura mundos — mundos-próprios, nas palavras de Uexküll.

A estruturação do corpo não cessa, porque nunca paramos de nos ocupar, nunca paramos de nos relacionar. Nunca paramos de produzir novos mundos-próprios, o mundo-próprio está no tempo, no devir (Uexküll, s.d. b).

Estruturação, portanto, é criação de mundos e de corpos. Mas há ainda um elemento importante nesta relação que deve ser explorado. O mundo pode nos chegar quase que de forma passiva; ao abrirmos os olhos, percebemos a luz, os sons são inevitáveis, bem com a temperatura ambiente. Mas algumas sensações dependem exclusivamente de

nossas ações, de nossos movimentos. Só percebo a umidade ou secura da argila indo ao encontro dela, atuando sobre ela. Há sensações que só são possíveis na atividade. Mas como atuo sobre o mundo das materialidades? Atuo com organizações corporais específicas, com estruturas específicas, produzidas no meu corpo por ocupações anteriores. Logo, a maneira de perceber e agir sobre uma materialidade são particulares da estruturação que possuo. Algumas vezes, a maneira como percebo ou atuo sobre o mundo não me permite ser suficientemente eficaz em minha ação. Essa inabilidade pode ser fruto tanto de uma percepção como da capacidade de minha ação, que não me permitem uma eficácia desejada. Mas lembremos também que me sentir eficaz em uma ação depende de minha percepção do mundo e, conseqüentemente, da estruturação do meu corpo, donde o valor eficaz também é singular de cada corpo. Sentir essa ineficácia de ação sobre uma matéria pode provocar em minha existência uma necessidade de querer agir de outro modo, de perceber de uma outra maneira para alcançar um outro efeito de meu corpo sobre a matéria. Meu corpo é desafiado, é provocado, é instigado em cada ocupação, em cada fazer, a novas formas de agir, de atuar. Na insistência dessa atuação mais eficaz, o corpo vai se reorganizando, buscando novas estruturas. Quando alcançamos este patamar de modificação de uma materialidade em função de uma determinada eficácia, em verdade também modificamos nosso corpo, nossa maneira de perceber e de agir. A esta nova maneira de agir no mundo, de dominar a materialidade, denominamos de tecnologias singulares do corpo. São elas que nos permitem agir no mundo, de efetivarmos nossas ações com níveis distintos de eficácia. Dois

pianistas, dois padeiros, dois marceneiros atuam sempre de maneiras distintas, devido à singularidade de seus corpos, mas esta singularidade é sempre mutável, pois a cada nova ocupação novos corpos, novas tecnologias singulares do corpo e novos mundos são produzidos. A vida é essa capacidade criadora de corpos e mundos, constante, sem cessar. As atividades é que garantem a vida e suas inaugurações de mundos.

Mas como esta estruturação se processa organicamente no corpo? Como, biologicamente, podemos falar dessa capacidade mutacional do corpo? Para respondermos a essas perguntas, devemos pensar num conceito muito importante proveniente das neurociências, que é o conceito de plasticidade. Geralmente falamos de uma plasticidade encefálica, pois a grande capacidade conectiva do encéfalo já é estudada há muito. Mas nosso conceito de plasticidade deve ser levado a todo o corpo, e não apenas a um *locus* privilegiado de transformação do corpo. Todo corpo é plástico, cada tecido é plástico ao seu modo. As trabéculas ósseas que se organizam em função de um vetor de força, a musculatura que se hipertrofia no aumento da exigência de uma carga, os vasos colaterais que são produzidos auxiliando na circulação de uma área são alguns simples exemplos destas plasticidades. Devemos perceber que todas essas mudanças são decorrentes de exigências externas feitas ao corpo em determinadas ocupações. Poderíamos ficar aqui falando de uma série de transformações possíveis em nível anatômico, fisiológico, bioquímico que as ocupações instigam no corpo. São novas estruturas adaptando o corpo à eficácia de novos fazeres. Contudo, vamos apenas exemplificar a tradicional plasticidade neuronal. Não por

ser a mais importante, mas sim por ser a mais estudada, o que nos facilita sua apresentação como exemplo das estruturas corporais.

É comum subdividirmos a plasticidade neuronal em plasticidade encefálica e periférica. A plasticidade encefálica é entendida como as transformações possíveis no encéfalo, e a periférica, as dos nervos do sistema segmentar (Lent, 2001). Sabemos que o encéfalo é uma rede incalculável de neurônios, que ao nascimento ainda está imaturo. Parte desta imaturidade se dá pelas bainhas de mielina não estarem ainda produzidas. É com as experiências pelas quais a criança passa, recebendo uma série de estímulos senso-perceptivos, que ela irá amadurecer o seu sistema nervoso encefálico. Quanto mais a criança atua no mundo, mais ela tem que tornar seus movimentos voluntários e precisos, aumentando sua eficácia sobre o mundo. As organizações de movimento, espaço, tempo, intensidade para sua ação vão sendo elaboradas através de redes de conexões neurais. Cada ação exige uma organização conectiva altamente complexa. Cada vez mais nossa ação sobre o mundo, o fazer uma determinada atividade, pode se complexificar, e esta complexificação exige novos mapas, novas organizações. As transformações estruturais podem ser realizadas em nível encefálico, como a produção de novas conexões dendríticas e axônicas, bem como sinapses diferenciadas etc. Novamente, lembremos que se uma atividade, como modelar argila, exige determinadas organizações encefálicas, estas não terão função se a musculatura das mãos não formar também novas organizações, possibilitando, por exemplo, maior resistência e força muscular. A cada nova ocupação mudanças diversas serão produzidas em nosso corpo. Todos os pro-

cessos de aprendizagem motora, que têm como função ampliar nossa eficácia, são produzidos por novas organizações encefálicas, tanto motoras como perceptivas. Um aprendiz de dança não só tem que coordenar seus movimentos, como também perceber elementos rítmicos que orientarão o próprio movimento. Muitos alunos só começam a ter uma certa eficácia em dança quando primeiro conseguem possuir uma determinada percepção rítmica. Mas às vezes lhes falta a resistência muscular para manter uma repetição rítmica de movimento; logo, será imperioso a hipertrofia, possibilitando a execução ritmada de seu movimento. Esta percepção mais discriminatória para o ritmo depende também de novas conexões neurais. Percepção, ação, conexões neurais e, conseqüentemente, o corpo, transformam-se simultaneamente e interdependentemente em cada nova ocupação.

Não pensemos porém, que as únicas modificações neurológicas que ocorrem ao longo da vida são encefálicas. Os nervos periféricos também seguem este processo. Changeux (1991) nos mostra que animais quando jovens possuem muitos mais terminais nervosos em cada região do corpo; no entanto à medida que este corpo vai se constituindo através de suas ações, apenas alguns terminais permanecem. Ocorre uma espécie de seleção destes terminais. Sabemos também que o funcionamento do nervo pode ser alterado em virtude da hipertrofia.

É também importante ressaltar que a plasticidade neural (encefálica e periférica) é mais intensa nos primeiros anos de vida, diminui com o caminhar da vida, mas nunca cessa definitivamente. A plasticidade dos primeiros anos até a adolescência se denomina plasticidade ontológica; em seguida, temos uma plasticidade em adultos (Lent, 2001). As-

sim, verificamos que a plasticidade é algo basilar para a estruturação do corpo, permitindo ao sujeito uma eficácia em suas ocupações.

Devemos lembrar que a plasticidade neural tem muitas variações específicas, que são descritas em qualquer livro de neurociências. Mas a plasticidade corporal em sua totalidade é algo que ainda demanda muita pesquisa, principalmente sobre como as ocupações contribuem para ela.

Verificamos então que o corpo é plástico e mutável ao longo da vida. Estas transformações nos permitem agir no mundo buscando uma eficácia em nossas atividades. Ao nos modificarmos para uma atuação desejada, a própria maneira como agimos e percebemos o mundo já se transforma. Logo, novas percepções do próprio mundo são possíveis, inclusive a própria noção de eficácia. Estas estratégias de atuar no mundo e nas ocupações são denominadas de tecnologias singulares do corpo. Estas tecnologias, ao mesmo tempo em que tornam o corpo eficaz, produzem novas percepções e novos desejos de outras eficácias e, conseqüentemente, outras tecnologias singulares do corpo. A vida é este processo ininterrupto.

Finalizamos afirmando que a concepção de tecnologias singulares do corpo, ao nos permitir perceber e agir no mundo de forma sempre nova, nos faz pensar no papel das ocupações para a vida. Quanto mais produzimos novas tecnologias, instigados pelas ocupações significativas, nossa maneira de olhar o mundo, nossa sensibilidade de perceber e agir de forma diferente são provocadas. Esperamos então que as ocupações significativas, na incomensurável variedade com que se apresentam, tenham função política

de respeito e potencialização da diferença. Esta talvez seja uma das grandes missões da terapia ocupacional: o resgate e a perpetuação da **faberdiversidade**.

Referências Bibliográficas:

CHANGEUX, Jean-Pierre. *O homem neuronal*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

LENT, Roberto. *Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociências*. São Paulo: Atheneu, 2001.

UEXKÜLL, Jakob von. *Dos animais e dos homens*. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d. a.]

_____. *A biologia*. Rio de Janeiro: Athena Editora, [s.d. b.]

v ***Arquitetura do Movimento:
da Reabilitação ao Devir
pelo Corpo na Terapia Ocupacional***

E se o geômetra reduz toda superfície circundante por linhas às figuras do quadrado, e todo corpo à figura do cubo; e se a Aritmética age de modo semelhante com as suas raízes cúbicas e quadráticas, estas duas ciências atendem apenas à notícia da quantidade contínua e descontínua, mas não se empenham na qualidade, que é beleza das obras naturais e ornamentais do mundo.

Leonardo da Vinci

Já vimos anteriormente neste livro que o fazer tem particularidades na estruturação do corpo. Uma destas estruturações se refere à organização das dinâmicas — um dos elementos constituidores da melodia cinética — e que estão presentes no campo fenomênico corpo-atividade. Contudo, apesar de reconhecida a função que as dinâmicas têm na organização corporal e o papel das atividades para estas organizações, estes conhecimentos singulares ainda não se fazem presente nos processos reabilitatórios.

É importante constatar que quando tentamos pesquisar um determinado objeto — no nosso caso, o movimento hu-

mano — é impossível estudá-lo isoladamente, fora de outros campos como a política, a filosofia, a ciência, etc. Ou seja, devemos tentar entender parte de sua genealogia, nas palavras de Nietzsche. Notamos, então, que as teorias e subjetividades nas ciências, muito mais que contribuir para a fundamentação e o estudo de um determinado objeto, procuraram estabelecer territórios de poder e hierarquias, isto é, exerceram função política.

Nosso texto, então, tem como objetivo problematizar como foram produzidas subjetividades no campo da reabilitação da pesquisa do movimento humano, visualizando estas histórias e, conseqüentemente, o estabelecimento de categorias e metodologias terapêuticas, suas hierarquias e consagração no campo da reabilitação. Para nossa pesquisa, a obra de Rudolf Laban, principalmente os seus estudos sobre dinâmica (esforços), será de extrema valia.

48

É notório que a terapia ocupacional é uma prática de saúde que lida com a reabilitação do corpo, dos movimentos. Mas, apesar de na prática ser comum que terapeutas ocupacionais realizem excelentes trabalhos na área de reabilitação física, pouco é dito acerca da especificidade, da singularidade, do estilo desta disciplina com relação ao seu trabalho corporal.

Freqüentemente, a presença e importância da terapia ocupacional na reabilitação física é justificada pelo fato de a mesma desenvolver a visão totalitária do sujeito — perceber o homem de acordo com os aspectos biopsicossociais foi, durante muito tempo, uma espécie de justificativa chavão. A proposta de nosso trabalho é tentar compreender elementos da reabilitação física, do ato motor, que sejam exclusivos do processo da atividade, do fazer. Desta forma, estamos contribuindo para o entendimento da singularidade, da especificidade

da atividade e, conseqüentemente, da terapia ocupacional no tratamento de um corpo e de seus movimentos.

Ao se apoderar dos conhecimentos cinesiológicos e neurológicos, a terapia ocupacional tende a tomar apenas como verdade o que diversos terapeutas, professores de educação física, já mostravam há muito: que, ao realizar determinado movimento, um músculo ou um grupo muscular está sendo trabalhado no seu arco de movimento ou hipertrofiado. Basta assim saber quais os músculos necessários para tal movimento e levar, através de repetições, o músculo a exercitar-se. A terapia ocupacional, deste modo, faria uma espécie de “ginástica com atividades”, ou seja, acrescenta aos já conhecidos exercícios cinesioterápicos a execução de uma atividade. Alguns problemas são freqüentes quando um terapeuta ocupacional tenta justificar-se apenas desta forma. Primeiro, porque para ciência um entendimento da cinesiologia se faz mais claro em um movimento isolado do que num fazer que agrega muitas variações e simultaneidade de movimentos, além das particularidades individuais motoras de quem realiza a atividade. É mais simples tomar um movimento isolado e estudá-lo, mas no fazer muitas variações e complexidades se apresentam. Segundo, porque não foi apresentada nenhuma especificidade da terapia ocupacional, a não ser realizar os exercícios com um nível motivacional maior através da atividade, ou ainda visualizar, através do objeto construído nesta atividade, os afetos do sujeito reabilitado. Devemos crer, desde já, que a terapia ocupacional não deve ser vista apenas como uma prática cinesioterápica mais humanizada. É extremamente diminuta esta perspectiva, para uma profissão tão potente.

Justificar a terapia ocupacional como uma prática que se preocupa com o paciente como um todo, ou que fornece

49

prazer e motivação ao usuário é importante; contudo, não revela toda a potência e papel singular desta prática, mas apenas uma postura que qualquer profissional maduro deveria ter. Esclarecer, por exemplo, que um paciente hemiplégico, ao pintar uma tela com seu braço lesado, está melhorando sua auto-estima e aceitando melhor seu corpo, como comumente observamos em discursos terapêuticos ocupacionais, é necessário, porém não é o único mecanismo da terapia ocupacional.

Neste trabalho, então, estamos tentando entender se há algum elemento do processo de reabilitação física, do ato motor, que seja trabalhado exclusivamente no processo terapêutico ocupacional. Se assim não acontece, a terapia ocupacional poderia ser substituída por uma boa prática cinesioterápica e um atendimento psicológico. Porém a terapia ocupacional não deve ser entendida como a síntese de práticas profissionais, diferenciando-se delas apenas pelo uso das atividades. Concluímos, então, que há algo no campo do movimento que as práticas cinesioterápicas não podem realizar e que pode fazer parte apenas de uma prática terapêutica ocupacional. Este fator exclusivo de esforços está presente na Arquitetura do Movimento, que iremos apresentar mais adiante.

Em nossa pesquisa não iremos comentar explicitamente o trabalho afetivo e social que a terapia ocupacional realiza na reabilitação física, constituindo-se como uma prática para além daquelas práticas reducionistas que apenas visualizam a patologia, e não o sujeito. Esta justificativa já é bastante conhecida. O que agora desejamos saber é se na fisiologia, na organização muscular, na estruturação anatômica, a terapia ocupacional produz algo fundamental na reabilitação que a cinesiologia não faz. Ela não restaura a complexidade do movimento humano, porém, com as atividades, nos aproxima-

mos mais do movimento fenomênico, pois no fazer estamos lidando, através da Arquitetura do Movimento, com estruturas importantíssimas da organização corporal, que muitas vezes o terapeuta ocupacional trabalha sem muita consciência.

Em nosso meio profissional podemos perceber que parte dos usuários tratados por terapias mais tradicionais voltam a realizar seus movimentos, porém uma parcela deles não estabelece com esses movimentos ou com seu corpo uma relação funcional e expressiva. Isto ocorre porque a noção de movimento, nesses casos, está apenas direcionada para a amplitude de seu arco; assim, o movimento é reduzido ao deslocamento de um segmento ósseo no espaço, realizando uma trajetória, uma angulação. Outras qualidades, embora despercebidas, mas importantíssimas, não são levadas em consideração, assim como a complexidade do movimento humano e suas ações. Se nos preocupamos apenas com os arcos de movimento, nossa atenção só se volta para o elemento espacial do movimento. Esta visão reducionista é fortemente trazida pela cinesiologia. Mas desejamos aqui que o movimento seja entendido como possibilidade relacional com o mundo dos fenômenos, de estabelecer relações com ações cotidianas e também de ser um meio de expressão, e não apenas um movimento desvinculado de qualquer função, como aqueles movimentos abstratos encontrados em um livro de cinesiologia. Nosso movimento está ligado à funcionalidade, ao psiquismo, à cultura, às ocupações e à sociedade.

Percebemos que muitos pacientes hemiplégicos, por exemplo, recebem alta quando conseguem o retorno de arco de seus movimentos, mas poucos são aqueles que realmente efetivam seu corpo como realizador pleno de ações e expressão. É comum solicitarmos a um paciente que estenda e

flexione seu braço, e que tal movimento seja efetuado com certa facilidade; porém, ao pedirmos tarefas como desenhar, alimentar-se, gesticular e outras, estas não se efetivam ou são feitas de modo bem precário.

A tradição da ciência ocidental, na área de saúde, freqüentemente tenta sistematizar o estudo de seus objetos de pesquisa, fato que quase sempre simplifica demasiadamente sua complexidade. Deste modo, a cinesiologia, com esta tradição científica, afirma-se como a ciência do movimento humano, mas somente o visualiza como conjunto de alavancas, dobradiças e vetores de forças que são representadas pelos músculos, articulações e seus arcos. Nesse sentido, sentimos a cinesiologia próxima à mecânica, à cinemática, à engenharia.

Levando em conta a complexidade do movimento e tomando como estudo outros campos epistemológicos, como a arte e a psicomotricidade, visualizaremos a necessidade de se refletir sobre os procedimentos reducionistas das práticas reabilitatórias tradicionais. Neste contexto, a terapia ocupacional pode auxiliar e ampliar a compreensão do movimento humano, pois, ao percebemos as nuances plásticas produzidas por um escultor ou pintor, como textura, velocidade e formas diversas, observamos que estes efeitos nada mais são do que o domínio pleno de sutilezas motoras que a cinesiologia não consegue explicar ou viabilizar na sua prática. Pensamos, então, que essas qualidades motoras ocupacionais podem fazer parte de um processo reabilitatório, porque todas as ações humanas são carregadas dessas variantes motoras. Logo, estamos propondo a apresentação da Arquitetura do Movimento de Rudolf Laban, que em muito difere da engenharia cinesiológica.

Da Engenharia à Arquitetura do Movimento: da Ciência à Arte no Entendimento do Corpo

Como comentamos anteriormente, a concepção de movimento que se faz hegemônica nas práticas terapêuticas se traduz numa não-efetivação mais intensa do processo reabilitatório com pacientes com seqüelas motoras. Constatando tal fato, observamos que estes pacientes, em grande parte, poderiam tirar melhor proveito dos tratamentos empregados.

Verificamos que profissionais da área de reabilitação muitas vezes afirmam que o retorno funcional de um sujeito acometido, por exemplo, de um AVE, não é satisfatório, embora o terapeuta tenha realizado o máximo, porque a patologia e a seqüela são graves. Esta postura pode revelar o quanto nosso saber e subjetividade às vezes não apontam uma prática crítica reflexiva sobre nossa atuação, pois ao se verter o problema exclusivamente para a patologia como algo definidor da situação, naturalizamos nossas práticas. Mudanças mais radicais são impossibilitadas e redimimos nossas limitações.

Deste modo, há a necessidade de percebermos que subjetividades, discursos, métodos e técnicas estratificadas podem comprometer revoluções clínicas que produzam o reconhecimento de novos campos do saber e profissões.

É preciso entender como, histórica e filosoficamente, tais formulações teóricas e estudos de objetos se constituíram na ciência ocidental. Tal fato auxiliará a compreender a situação política das profissões, bem como o seu reconhecimento. E, ao mesmo tempo, poderemos refletir sobre tal situação operando mudanças, ao justificarmos de modo mais potente outras práticas, bem como ao ampliarmos a visão sobre uma determinada atuação terapêutica.

Em nosso trabalho, as reflexões se voltam para o estudo do movimento humano, pois ao pesquisar como se constitui este objeto científico compreendemos não só sua limitação teórica mas também sua função política e legitimadora de determinadas práticas.

No campo dos processos reabilitatórios físicos, duas disciplinas são consideradas importantíssimas para os profissionais lidarem com a clientela com problemas motores: a biomecânica e a cinesiologia. Estas disciplinas, seguramente, seguem a tradição reducionista, com a peculiar objetividade científica que veio perfeitamente se acoplar às profissões ditas científicas.

Para entendermos as origens da biomecânica e da cinesiologia, precisamos regressar às origens da filosofia moderna, com Descartes. No início da Era Moderna, o homem ocidental havia colocado abaixo dogmas e verdades considerados absolutos por vários séculos. Descobriu que não fazia parte da única civilização da Terra, que a Terra não era plana e nem o centro de universo, mas apenas um pequeno planeta perdido na imensidão do cosmo. Desta forma, é instaurada a dúvida como um pensar constante: nossas percepções, nossos credos religiosos não nos levam à verdade, mas são enganosos; logo, duvidamos de tudo que vemos e existe.

Descartes quer chegar a uma única suposição da qual não podemos duvidar, para, a partir daí, estabelecer outras proposições do saber. Então, afirma: posso duvidar de tudo, só não posso duvidar que, em duvidando, sou algo que duvida, "*Je suis une chose que pense*" (Lima Morente, 1980). Neste momento, Descartes afirma o império do ato de pensar, da única certeza do ser humano: o pensamento, a ação reflexiva do pensamento. É o império do logos, da razão.

A partir desta primazia do pensamento, Descartes pode tentar entender os fenômenos, a natureza, o corpo do homem, ou seja, o mundo sensível pleno de diversidade. É necessário criar mecanismos racionais para não deixar que o diverso sensível nos confunda. São criadas leis universais, oriundas do ato pensante, para o entendimento. Quando se estuda o corpo do homem, surge a necessidade de estabelecer um mecanismo de desimaginarização, um mecanismo que nos impeça de nos misturar, nos confundir com o corpo. Cria-se assim a imagem de que o corpo é uma máquina, e tal imagem terrível impede que o estudioso se misture com o objeto de estudo, impossibilitando qualquer projeção, qualquer envolvimento. É o olhar distanciado, de cima, do geômetra, sobre a natureza, que lhe vai fornecer a tão imaculada objetividade científica. Neste momento, só podemos estudar no corpo humano aquilo que apresenta uma certa objetividade, uma repetitividade fenomênica, algo que seja universal para qualquer corpo, apesar da grande diversidade anátomo-fisiológica, cultural, histórica e outras que este apresenta.

Quando se pensou em estudar o movimento humano a partir de tal objetividade, uma série de seus elementos componentes tiveram que ser "sacrificados". Para conhecer o movimento humano, segundo a ótica da ciência ocidental, foi produzido um movimento abstrato, um movimento fora do mundo dos fenômenos, fora do mundo das ações, do fazer humano, das relações. Este é o campo do estudo da biomecânica e da cinesiologia.

Descartes, ao colocar seu olhar de geômetra, dando ao corpo a noção de máquina, nos fez visualizar no movimento apenas trajetórias, arcos, geometria, retirando a dinâmica como parte do próprio movimento. No *Discurso do método*, ele afirma:

“Tendo me proposto o objeto dos geômetras, que eu concebia como um corpo contínuo, ou um espaço indefinidamente extenso em comprimento, largura e altura ou profundidade, divisível em diversas partes que podem ter diversas figuras e grandezas e ser movidas ou transportas de todos os modos, pois os geômetras supõem tudo isto em seu objeto, percorri algumas de suas mais simples demonstrações.” (1999:43)

A cinesiologia, segundo Hay e Reider (1995:1), é considerada como “o conhecimento das bases anatômicas e mecânicas do movimento humano”. Nesta perspectiva, o movimento é idealizado, abstrato; é o que chamaremos de engenharia do movimento.

56 — Universal no movimento humano é o estudo dos percursos (espaços) que o movimento realiza, e dos músculos responsáveis por mobilizar tais articulações para o movimento. A cinesiologia estuda, então, um grupo muscular, a articulação e o conjunto de força que agem sobre um braço ósseo, e qual o ângulo que tal articulação pode realizar. Notamos que a biomecânica e a cinesiologia se aproximam da figura paradigmática do guindaste com suas correias, dobradiças e hastes. Hay e Reider (1995) apontam este conhecimento como fundamental para estudiosos do movimento humano.

Essa forma de visualizar o movimento, certamente, constituiu uma prática terapêutica extremamente reducionista e não-funcional, pois na reabilitação trabalhada a partir da cinesiologia observa-se um processo de melhora muito mais voltado para a realização máxima de um arco de movimento do que a capacidade desse movimento ser expressivo e possibilitar as ações quotidianas. Mas os saberes e práticas baseadas na cinesiologia são

imperiosas, fato que é ratificado pelo fluxograma de todas as profissões que utilizam o movimento, pois a cadeira “Cinesiologia” é obrigatória nos cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Educação Física, Psicomotricidade e outros.

Nesta trajetória histórica podemos destacar dois momentos nos quais o pensamento cartesiano é desestabilizado. O primeiro é representado pela filosofia de Leibniz, e o segundo pelos estudos sobre o movimento de Laban. O que Leibniz concebeu ontologicamente, Laban parece ter empregado em suas pesquisas sobre o corpo, como se fosse um eco do primeiro. Apesar de não haver historicamente nenhuma relação de Laban com os estudos de Leibniz, ambos, dentro de suas áreas de estudos, se aproximaram em diversos pontos.

A filosofia de Leibniz, um século depois de Descartes, baseou-se na teoria das mônodas, que são uma espécie de unidades de energia basais constituidoras de toda realidade. Leibniz vai procurar debaixo da pura espacialidade, os pontos de energia, o não-espacial, ou seja, o dinâmico que há na realidade. Para ele, “o erro mais grave do cartesianismo foi esquecer o elemento dinâmico que jaz no fundo de toda realidade” (Morente, 1980: 206-207).

De acordo com Leibniz, Descartes retira do movimento a dinâmica e só pensa numa cinemática, porque as noções de energia, *conatos*, esforços são confusas e Descartes as tira da realidade, substituindo-as por noções claras e distintas, que são as noções puramente geométricas. “Os corpos não são somente figuras geométricas, mas ademais e sobretudo, forças, conglomerados de energia, conglomerados de dinâmicas”, contesta Leibniz (Morente, 1980:207). “As Mônodas precisam ter alguma qualidade” afirma Leibniz (1974:63), “pois, caso contrário, nem seriam entes. Se as subs-

tâncias simples em nada diferissem pelas suas qualidades, não haveria meio de se aparecer qualquer modificação nas coisas (...).”

Tentando também ampliar e até, de certa forma, se contrapor ao estudo do movimento humano de origem cartesiana, no início do século XX os estudos de Laban trouxeram um olhar interessantíssimo sobre o movimento. Os esforços, estudados por Laban, são conglomerados de energias são constituídos por mônodas que se agrupam. Cada mônoda conserva em si a memória de sua existência, porém ela não é imutável, tendo uma capacidade de modificar-se, de passar por vários estados, sendo sempre singular. A noção de memória da mônoda será importante para compreendermos, mais adiante, a importância da especificidade da terapia ocupacional na reabilitação de movimentos.

58

Diametralmente oposto à anatomia e à cinesiologia, Laban não inicia seus estudos do movimento humano nos laboratórios de anatomia, com a dissecação de cadáveres. Foi no homem vivo, nos corpos em ação, nos homens das ruas realizando trabalhos, afazeres, andando, jogando, dançando, que ele buscou o entendimento do movimento.

Criticando a forma científica tradicional de observar o movimento, Laban (1990:49) afirma:

“As explicações racionalistas insistem no fato de que os movimentos do corpo humano estão submetidos às leis do movimento inanimado. O peso do corpo segue a lei da gravidade. O esqueleto do corpo pode ser comparado a um sistema de alavancas que faz com que se alcancem, no espaço, as distâncias e se sigam as direções. Estas alavancas são acionadas pelos nervos e

músculos que providenciam a força necessária para superarmos o peso das partes do corpo que se movem. A fluência do movimento é controlada por centros nervosos que reagem aos estímulos internos e externos. Os movimentos se processam durante algum tempo, e podem ser medidos com exatidão. A força propulsora do movimento é a energia desenvolvida por um processo de combustão no interior dos órgãos corporais. O combustível consumido neste processo é o alimento. Não resta dúvida quanto ao aspecto puramente físico da produção de energia e de sua transformação em movimento.”

Ao contrário dessa visão reducionista sobre o movimento, Laban propõe um outro entendimento. Ele vai buscar no movimento não aquilo que é universal, invariável, mas o que há de mutável, de particularidade em cada movimento, o que há de expressivo e funcional, ou seja, os esforços. Laban percebeu que os arcos de movimento e os músculos envolvidos nesses movimentos não representavam uma realidade do movimento do homem nas suas diversas relações com o mundo e seu movimento, seja no trabalho, no lazer, na dança, no teatro e em outras ações. Os esforços representam o que há de variabilidade, de possibilidade, de multiplicidade no homem que se move.

Laban observa que, para além dos arcos de movimento, há qualidades diversas nos movimentos: os esforços representados por peso, tempo, espaço e fluxo. O peso refere-se ao grau de energia empregado no movimento, e pode ser forte ou leve. “Uma atitude leve, delicada, consiste numa sensação de ser carregada pelo ar”; a “atitude forte, firme,

59

vigorosa, consiste numa sensação de ir contra si mesmo ou alguma coisa, de armazenar poder no corpo, de lutar, de se impor" (Miranda, 1980:35). Com relação ao fator tempo, este nos indica a velocidade de um movimento ser rápido ou lento. "Uma atitude indireta, flexível, ondulante, se reconhece em movimentos" nos quais partes do corpo ou o corpo como um todo vai a "lugares diferentes" ao mesmo tempo. A atitude direta pode ser percebida através de "gestos que cortam o espaço percorrendo caminhos em linha reta" (idem: 37). Direto ou indireto são as possibilidades do fator espaço. O fator fluxo se manifesta através de movimento livre que é fluente, incontrolável, "é reconhecido em uma ação difícil de ser interrompida subitamente, como em rotação, saltos, rolamentos". O fluxo contido aparece em movimentos controlados, restritos, "é conhecido em ações que podem ser interrompidas sem dificuldades, como um andar vagaroso ou no ato de escrever à mão" (idem :36).

Com estes quatro esforços podemos realizar múltiplas combinações que tendem quase ao infinito. Assim, poderemos ter um movimento rápido-forte-direto, que aparece no socar ou num ataque de um *staccato* martelado em uma execução musical. Podemos ter o leve-indireto-lento, que é o flutuar, aparecendo no ato de acariciar, e assim por diante. Podemos ter em um movimento dois, três ou quatro esforços combinados. Não há ação humana ou forma expressiva de se mover que não tenha um representante próximo às combinações dos esforços de Laban. As ações humanas, muito mais que arcos cinesiológicos, são combinações de esforços. Estes aparecem nas artes plásticas, no trabalho, na execução musical, na vida.

Essas combinações de esforços podem ser entendidas como energias básicas para as qualidades de movimento, ou

seja, como mônodas leibnizianas. Todo o corpo e seus movimentos são constituídos por unidades primordiais em forma de energias, que são combinadas, produzindo um mosaico de forças: são as mônodas, ou esforços. Tanto Laban como Leibniz resgatam energias e dinâmicas para o movimento.

Além de estabelecer uma relação direta com o mundo dos fenômenos, os esforços de Laban mostram que inclusive as musculaturas envolvidas em uma determinada ação, tão estudadas pela cinesiologia, podem se modificar, dependendo do esforço empregado. Ao realizarmos o movimento de extensão do antebraço, por exemplo, de acordo com a cinesiologia os músculos envolvidos são o tríceps e o ancôneo; porém, se for acrescido a este movimento o esforço forte, sentimos facilmente o envolvimento do peitoral, algumas pessoas relatam a contração dos abdominais e trapézio, e outras relatam o aumento do tônus de pé! Cada sujeito, ao longo de sua vida, organiza uma combinação e interligação muscular, que lhe é única, para a realização de suas ações com os esforços necessários, e essa relação é estabelecida pelo esqueleto fibroso, constituído por fascias, ligamentos, tendões.

Verificamos então que, ao se mudar o esforço, muda-se a relação das musculaturas envolvidas. A reducionista cinesiologia não consegue dar conta deste fato porque no esforço há a exceção, o particular, o singular, o relacional, e na cinesiologia o movimento é abstrato, não-relacional.

A partir deste momento, podemos realizar um grande giro de conversão no estudo do movimento humano e nas práticas terapêuticas em reabilitação física.

O principal ponto de partida para uma mudança nas propostas terapêuticas é entender que a cinesioterapia não reabilita movimento, e sim arco de movimento. Aqui, entendemos

movimento não como capacidade de realização de um arco de movimento completo, mas como produtor de ações funcionais e expressivas com o corpo, com suas múltiplas sutilezas.

Os exemplos mais básicos podem denotar estas diferentes visões. Ao iniciar um tratamento, é comum que um terapeuta avalie seu paciente percebendo o arco de movimento dos membros afetados. Desta forma, usa o famoso goniômetro, e os objetivos geralmente se voltam para ganhar arco de movimento, sem preocupar-se se o paciente é capaz de realizar movimentos com as qualidades de forte-lento, leve-rápido, leve-lento-indireto e outros.

O processo de alta ocorre quando o paciente alcança o arco de movimento desejado; mas talvez, para o terapeuta ocupacional, esse processo só deveria acontecer quando as capacidades expressivas e funcionais dos esforços do movimento ocorressem, o que significa que as praxias do sujeito estariam restabelecidas.

Outro entendimento que se faz necessário ressaltar é que a proposta de Laban e a filosofia de Leibniz mencionam a memória. Laban afirma que o corpo guarda a memória de seus esforços (a essa memória, intitulou de região do silêncio) e Leibniz diz que cada monôda possui em si a sua história. Logo, ao lidar com os esforços e não unicamente com os arcos de movimento, estamos resgatando uma memória particular do uso dos esforços, das energias. Se reabilitamos o arco, a singularidade motora do sujeito pode não ser respeitada; logo, queremos organizar um novo corpo independente do preexistente, do experimentado ao longo de suas vivências, mas idealizado. Nos esforços componentes das praxias, da memória, resgata uma identidade desestabilizada pela patologia, mas também produz novas percepções e

mudanças da própria identidade, uma vez que sempre há a possibilidade de explorar novos esforços. Como diria Leibniz, a mônada tem memória, mas também é promessa de futuro. Só que a mudança sempre ocorre a partir do que já se constitui num sujeito vivo, histórico, e não de um sujeito idealizado em um atlas de anatomia. A atividade aqui tem o duplo sentido de memória e transformação.

Visualizamos, então, que a proposta de Laban é inovadora para a área de saúde que entende o homem através de histórias singulares e de suas mudanças, e não a partir de leis universais e rígidas. Por qual paradigma deve a terapia ocupacional se dirigir: pelo científico, iniciado na era moderna, ou pelo que vem se constituindo na contemporaneidade, que se aproxima da arte?

Laban e a Arquitetura do Movimento

Laban não nos oferece apenas um sistema de estudo para o movimento humano, mas uma proposta existencial, filosófica e até mesmo política para o homem. Uma verdadeira ontologia, na qual, talvez pela primeira vez, de modo sistemático, apresenta-se o corpo como veículo de libertação e transformação humana. Para que tal transformação ocorra, o corpo deve ser explorado, potencializado em toda sua expressividade, em toda sua ação.

Rudolf Laban nasceu no Império Austro-húngaro, em 1879, e estudou belas-artes em Paris. É na escola de artes que Laban se encanta pelo corpo, pelo movimento e, conseqüentemente, pela dança, construindo mais tarde, na Suíça, uma escola de arte do movimento (Bourcier, 1987:293).

Para estudar o corpo, Laban não se prendeu a um estudo de laboratório ou a uma categoria de dança: obser-

vou a complexidade do movimento humano, admirou o movimento dos homens no trabalho, nas ruas e indústrias, nas danças campestres, nos salões, nos teatros, percebeu o comportamento motor do burguês e do operário e ficou perplexo com a capacidade variacional do movimento humano e com os múltiplos significados e ações que este pode realizar. Tais pesquisas sobre o movimento se deveram também às viagens realizadas aos Balcãs, devido à vida militar de seu pai. Laban conheceu, nesta região, as danças e os cantos folclóricos e religiosos, e as variedades que estes apresentavam.

Por estar vivendo no momento do Expressionismo Alemão, Laban, em suas pesquisas de movimento e dança, se preocupava com a utilização do corpo de forma estereotipada, vazia de sentido e expressão.

64

As concepções de Laban sobre o homem são muito próximas daquelas visualizadas por Marx quando este aponta que o homem moderno, na era da industrialização, perdeu a capacidade múltipla de suas ações, ou seja, é um homem alienado de sua práxis, massacrado por ações repetidas e sem significações. Marx (*apud* Eagleton, 1990: 27) afirma que, no sistema capitalista,

“a atividade é dividida não voluntariamente, mas naturalmente, a própria ação humana torna-se um poder estranho oposto a ele, que o escraviza em vez de ser por ele controlado. Pois tão logo a distribuição de trabalho se instaura, cada homem tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele não pode escapar. Ele é caçador, pescador, pastor ou crítico, e deve continuar a sê-lo se não quiser perder seus meios de vida; ao

passo que na sociedade comunista, onde ninguém possui uma esfera de atividade exclusiva, mas todos podem se aperfeiçoar em qualquer uma, a sociedade regula a produção geral e assim me torna possível fazer uma coisa hoje e outra amanhã, caçar pela manhã, pescar à tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica depois do jantar, de acordo com minhas inclinações, sem nunca me tornar pescador, pastor ou crítico.”

Para Laban, o homem é um ser com múltiplas capacidades expressivas corporais, pois a diversidade humana surge através das qualidades de movimento e padrões motores, que podem chegar ao infinito. A cultura, as experiências pessoais, a vida afetiva e social, o trabalho, as ocupações vão modelando, em cada sujeito, seus padrões motores, sua melodia cinética. Laban (1990) afirma que um gato, ao ser criado com um cachorro, não registra, em seu corpo, os movimentos do cão, dificilmente poderá imitar seus movimentos, porém o homem pode sugerir os movimentos de um cão, de um gato e de tantos outros animais. Há, assim, a constatação de que o homem não tem um padrão tão definido de movimento. Ele cria, aprende um padrão por imitação, por experiência. O corpo está à deriva. Um exemplo drástico, que revela essa variedade de comportamento motor humano, é visto com as duas meninas indianas de Bengali, que em 1922 foram retiradas de uma “família de lobos que as havia criado em total isolamento de qualquer contato humano. (...) Quando foram encontradas, as meninas não sabiam andar sobre os pés, mas se moviam rapidamente de quatro” (Maturana e Varela, 1995:159).

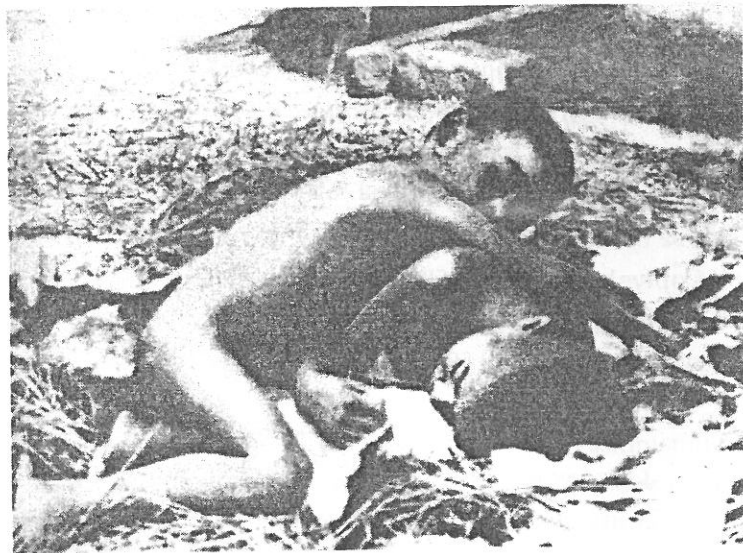


Figura 3 — As meninas indianas de Bengali Kamala e Amala

66

O homem, para Laban, é um ser que se realiza e se manifesta através de seu corpo e movimento. Apesar da cultura e outros fatores traçarem certos padrões de movimento para o homem, Laban quer um sujeito que utilize toda a multiplicidade variacional de seu corpo, não se limitando só aos padrões experimentados pela história de vida de cada um. Neste contexto, visualizamos facilmente uma crítica à vida limitada do homem ocidental da era industrializada.

“Na era pré-industrializada de nossa civilização, os artesãos e os camponeses possuíam uma vida de intenso movimento. Em cada um de seus trabalhos todo o corpo estava ocupado, em momentos distintos, mas completamente diferentes que cada homem devia realizar. Tinham que pensar, porque cada um era o organizador de seu próprio ofício. A obtenção da ma-

téria-prima, a compra, o transporte, o próprio processo de produção e a venda estavam a cargo de um só e mesmo homem. O trabalhador da atualidade não só se especializou em uma dessas tarefas como em uma determinada função dessa tarefa e freqüentemente tem de realizar de manhã à tarde, ao longo de toda sua vida, uma sucessão de movimentos relativamente simples. Tem de pensar, mas dentro de uma restrita esfera de interesses. Dedicar suas horas de ócio a prazeres inadequados, pois carecem daquela integração de exaltação mental e corporal que em épocas anteriores emanava do orgulho pela independência do trabalho organizado. Incidentalmente, o orgulho pelo trabalho encontrava sua expressão nas danças festivas.” (Laban, 1990:14)

Neste sentido, percebemos que a Era Moderna, o especialismo do campo de trabalho, o trabalho alienado, atuam como um empobrecedor da capacidade variacional dos movimentos e, conseqüentemente, do próprio homem. Laban vai mais longe ao afirmar que a capacidade de adaptação e ajustamento tanto psicológico como motor a novas tarefas depende de sua habilidade de poder ter domínio sobre vários esforços. Logo, um homem que reduz sua capacidade de utilização de esforços diminui sua vida psíquica e afetiva, ou seja, é um homem menos adaptado, menos feliz.

A utilização empobrecida dos esforços pode alcançar ainda outras dimensões. Para Laban, cada grupo social, cada cultura, cada ocupação fornece aos sujeitos uma variedade de esforços com mais freqüência; o emprego destes por muitos anos pode se tornar cristalizado e surge, em cada um, o que é chamado de esforço de base — e este produz um corpo carac-

terístico, uma motricidade característica que tem uma função de delimitar grupos, níveis sociais, ocupações. Facilmente percebemos que os operários de construção civil possuem corpo com tónus enrijecido, corpo pouco delgado e alargado; há neste corpo uma predominância pelas qualidades forte-rápido-direto-contido, as outras combinações lhe são falhas e de difícil realização. Desta forma, a vida ocupacional produz um corpo, é um fator delimitador dos sujeitos e revela a história de cada um.

Nesta perspectiva, os esforços não só constituem padrões corporais individuais como também corpos sociais. Como exemplo, pensemos na nossa sociedade sexista, com vidas ocupacionais distintas entre homens e mulheres e, conseqüentemente, uso e constituição de esforços diferenciados, pois as meninas geralmente freqüentam aulas de balé, experimentando mais os esforços leves, lentos e contidos, enquanto os meninos freqüentam caratê ou futebol, vivenciando esforços fortes, rápidos, diretos e livres. Dois corpos e dois *status* sociais se constituem. Os fazeres se afinam a determinados esforços e estes, por sua vez, constituem corpos e sociedades com suas hierarquias.

Ao definir os esforços do movimento, Laban cria algumas possibilidades: a primeira, de se analisar a melodia cinética de cada sujeito e perceber o que lhe é menos característico ao nível de esforço, criando, assim, exercícios expressivos e corporais capazes de fazer com que entre em contato com os elementos pouco explorados. A segunda possibilidade se refere à análise de cada ação humana, verificando cada esforço necessário para tal ação. Ao se barbear, ao segurar um copo de papel, ao pintar com canetas hidrocor, ao tocar num instrumento um pianíssimo, o elemento peso na qualidade do leve deve estar em pleno do-

mínio para uma adequada realização. Mas esta afirmativa não deve ser entendida como uma nova e simples análise de atividade. Há aqui um jogo de forças entre as dinâmicas de um material e um corpo. Assim mesmo, por exemplo, dando a um sujeito lápis cera, que exigiria um certo grau do elemento forte, ele pode dar um efeito aquarelado a este material, indicando que suspendeu, em função de sua exigência estética, o fator peso provocado pelo material. É na relação do corpo com o material que os esforços se concretizaram, logo qualquer análise formal tem que se complexificar durante o fazer. Mas é claro que mesmo o esforço de peso freqüentemente será mais intenso num lápis cera do que na aquarela. Independente do efeito estético desejado, há uma força viva na materialidade e uma outra que se processa na relação do corpo com seu fazer.

Outra questão a ser discutida é que a proposta de Laban não se resume às capacidades corporais, pois ampliar a máxima exploração dos esforços é permitir mudanças em outros níveis, como nos aspectos afetivos, psicológicos, sociais, adaptativos; ou seja, um homem capaz de viver a pluralidade de seu corpo é um homem mais feliz.

Mas não podemos deixar de perceber que, junto com toda essa sistematização e proposta existencial do movimento, há um fato já comentado anteriormente, ou seja, a crítica ao estudo e aplicação do movimento que as ciências reducionistas como a cinesiologia, a anatomia e a biomecânica realizam.

Estamos dizendo então que os estudos de Laban não comportam os ensinamentos da cinesiologia e da anatomia? Não, o problema é mais complexo que uma simples oposição radical entre os dois saberes. Laban não despreza ou inutiliza a cinesiologia, apenas a critica porque é limitado o seu

olhar, ela é apenas o primeiro passo, muito imaturo, para o estudo do movimento. Laban, então, diz que sua Arquitetura do Movimento emprega a cinesiologia, que é uma parte de seu estudo, porém a Arquitetura é algo maior, conforme mostra o diagrama a seguir:



70

Porém, resta-nos um último questionamento: se a cinesioterapia é uma ciência mais do que consagrada e hegemônica nas profissões que trabalham com o movimento humano, poderia haver uma justificativa científica que validasse a Arquitetura do Movimento de Laban e assim garantisse sua inclusão nas práticas terapêuticas de outras modalidades de atendimento, como a terapia ocupacional? Responder essa pergunta é uma tarefa que nos parece difícil, mas tentaremos realizá-la agora, para que nosso trabalho não fique apenas voltado às especulações filosóficas e existenciais.

Nossa primeira justificativa para a Arquitetura do Movimento se refere à própria anatomia, em cujas pesquisas a cinesiologia se baseou ao estudar os movimentos. Buscava assim, nos corpos dissecados, a origem e as inserções musculares. A partir destas duas estruturas era fácil compreender a ação muscular e o movimento realizado. Toda tarefa da cinesiologia estava na busca do músculo que se relacio-

na com duas partes ósseas. Porém a própria anatomia moderna já critica esse purismo e mostra que as musculaturas apresentam estruturas muito mais complexas do que origem e inserção; há diversas outras conexões, como os ligamentos, fâscias, membranas, aponeuroses, que realizam verdadeiras interligações de ossos, músculos, articulações, vísceras. O conjunto destas estruturas é conhecido como esqueleto fibroso. Todo o corpo, e principalmente a musculatura, é interligado, mas muitas destas estruturas são perdidas nas mesas dos anatomistas, pois ao se tentar visualizar o músculo isolado as múltiplas relações são perdidas na lâmina do bisturi como tecidos que impedem o estudo científico preciso.

Mas, com a proposta contemporânea de Laban, na qual o corpo se organiza e se estrutura através das múltiplas relações de forças musculares, onde qualquer movimento afeta o todo, estamos muito mais próximos de entender essa visão mais moderna da anatomia, que visualiza o conjunto músculo-esquelético não como estruturas isoladas, mas como um todo interligado, como se fosse uma trama, uma rede, uma teia de aranha.

Bons professores de instrumentos ou de canto já percebiam essa relação ao solicitarem que o aluno relaxasse a face, os ombros, ou mesmo os pés, para facilitar a execução instrumental.

Uma segunda justificativa está relacionada à moderna neurologia. A cinesiologia, de certo modo, ainda se prende à teoria localizacionista da neurologia, segundo a qual todo córtex encefálico teria uma representação funcional precisa e invariável. Assim, Brodmann, Broca e Wernicke puderam criar áreas com suas respectivas funções, significando que a res-

posta motora é sempre determinada por um certo ponto encefálico único e invariável. Porém, há muito a teoria localizacionista é criticada; o tão magnífico mapeamento encefálico já não é uma verdade absoluta; as regiões são responsáveis por determinadas funções, mas existem tantas conexões encefálicas que a gama variacional de resposta é impressionante e o estímulo para uma determinada resposta motora nunca é isolado: o local sempre vem associado a estímulos infinitamente variáveis que não apenas estimulam uma área, mas as mais variadas combinações de áreas que produzem as mais variadas respostas. A idéia de rede também está presente aqui. Mesmo que fôssemos capazes de reproduzir uma totalidade de estímulos, a resposta ainda seria diferenciada, isto porque as disposições psicológicas e afetivas também entram no jogo das respostas. Há sempre uma *Gestalt* na recepção e respostas de estímulos; trata-se um mosaico de respostas do qual a ciência não pode dar conta, visto que as disposições afetivas e os estímulos também variam de sujeito para sujeito, de momento para momento.

Poderíamos continuar a apresentar outras justificativas para esclarecer a Arquitetura do Movimento. Entretanto, julgamos suficientes as que foram aqui expostas. O que queremos mostrar é que existe uma ciência purista e abstrata, rançosa pelo desejo de verdades absolutas e esquemas totalitários e simplistas, e outra, contemporânea, que vê não um homem *in vitro*, mas um homem vivo, em pleno exercício de suas funções vitais. É nesta segunda visão que se apóia a Arquitetura do Movimento, mas é lamentável que, na prática de reabilitação, muitas vezes, a visão hegemônica esteja muitas vezes vinculada à primeira, fato que talvez explique o relativo fracasso de muitos processos reabilitatórios, principal-

mente na área de neurologia, e também o não-entendimento mais claro e intenso de práticas insubstituíveis como a terapia ocupacional.

O quadro sintético apresentado a seguir mostra as duas possibilidades de entendimento do movimento humano já discutidas neste texto.

ARQUITETURA DO MOVIMENTO

Leibniz e Laban
dinâmica
movimento relacional
movimento funcional
movimento expressivo
arquitetura
histórico, cultural e psicológico
teia de aranha
paradigma da arte
atividades

CINESIOLOGIA

Descartes
cinemática
movimento abstrato
arco de movimento
movimento indiferenciado
engenharia
reducionismo
guindaste
paradigma da ciência
goniômetro

Terapia ocupacional e o movimento humano

Após a apresentação dos estudos de Laban, parece-nos estar bem clara a justificativa terapêutica ocupacional para a utilização dos esforços da Arquitetura do Movimento. Mas, para que não restem muitas dúvidas, iremos desdobrar um pouco mais o tema.

Para um melhor entendimento, desde já temos que apontar o que muitos terapeutas não entendem, ou seja, que há uma

diferença entre o resgate de arco de movimento e a complexidade do movimento. Daremos um exemplo bem simples: caso seja fornecido a uma criança com aproximadamente dois anos de idade um estojo com canetas hidrocor, ela seguramente irá destruir as pontas das canetas por uma impossibilidade prática de ajustar-se a motoramente à utilização deste material. Mas essa falta de habilidade adequada revela que a criança tem limitações nos arcos de movimento? Significa que há um tônus alterado por lesão encefálica central? Ou, de modo mais elaborado, significa que há um problema de coordenação motora? A resposta para as três indagações é não. Não há qualquer problema com esta criança. O que ocorre é que o fator peso na característica leve ainda não foi suficientemente explorado, e a criança não sabe utilizá-lo de modo pleno. Talvez poderia restar uma dúvida com relação à sua coordenação motora, mas é fácil sanar tal dúvida ao ver que, com um lápis cera grosso, a criança apresenta habilidade para a sua idade.

74

Tomemos agora um exemplo na música. Um estudioso de piano pode estar mecanicamente executando com muita facilidade um trecho musical de grande dificuldade e agilidade técnica. Porém, este trecho exige, para sua perfeita interpretação, um toque pianíssimo e muito ligado, e o executante, que tão habilmente coordena seus dedos, tem grande dificuldade em imprimir essa dinâmica. Nosso executante não tem problemas motores, nem de coordenação, apenas não está ainda capacitado ao emprego dos esforços leve-livre.

É fácil perceber, então, que a execução musical está sempre mobilizando os esforços de Laban. Nos andamentos e divisões rítmicas, o tempo aparece; nas dinâmicas e sutilezas dos toques, os outros fatores — peso, espaço e fluxo. Se na dança livre de Laban esses esforços se apresentam numa escala maior

e mais evidente por todo o corpo, nas mãos de um pianista ou de um pintor, em movimentos menores, o mesmo acontece, e talvez de modo muito mais preciso e complexo, porque os efeitos aqui devem ser impressos em milímetros de movimentos.

No processo de reabilitação é freqüente observarmos usuários que ganham arco de movimento, porém não desenvolvem suas capacidades práticas. São pacientes que muitas vezes ganham alta porque o goniômetro marcou um ângulo normal, porém sua capacidade de realizações e expressões corporais não se efetivaram. São pacientes que, por exemplo, abrem e fecham a mão, mas ao segurarem um copo de plástico o amassam; ou ao se barbearem cortam o rosto com grande freqüência. É um membro que se move, mas é um corpo com pouca função. É um corpo cinesiologicamente correto, porém arquitetonicamente incapaz, pois só experimentou arco de movimento, alongamento muscular e posturas corretas, porém não experimentou os fatores de forte, lento, leve, livre, indireto e outros. Não realizou atividades, não manuseou materiais diversos, não tocou instrumentos, não vivenciou diversas dinâmicas corporais.

A exploração dos esforços na terapia ocupacional certamente permitiria ao sujeito transferir para o campo de suas ações cotidianas as experimentações e descobertas nas diversas atividades. Se retomarmos o exemplo anterior do paciente que se corta ao barbear-se, isto ocorre porque o fator peso na qualidade leve está inadequado. Porém, se ele é levado a realizar leveza da pintura em aquarela bem diluída e experimentando outras variações deste fator de peso, certamente transportará essa vivência corporal para aquela atividade de adequação pessoal.

Muitos outros desdobramentos podemos extrair da utilização dos esforços de Laban para a terapia ocupacional, principalmente no que se refere à subjetividade profissional.

É freqüente observarmos que o processo de alta em centros de reabilitação, principalmente com pacientes acometidos de AVE, é muito rápido. Há uma rotatividade intensa, fato que vem de certa forma ao encontro de uma política neoliberal que visa quantidade, e não qualidade. Mas há toda uma justificativa para essas altas constantes, pois os pacientes alcançam uma normalização tônica e amplitude de movimento "correta", através de puros exercícios que mobilizam o corpo sem qualquer vinculação com o meio e as ações; e, como já comentamos, se não há uma melhora maior é porque a patologia é severa. Estes pacientes de "alta" muitas vezes se tornam crônicos, pouco produtivos, com uma vida ocupacional e social empobrecida; e, em virtude disso, é freqüente seu comprometimento afetivo.

76

Em contrapartida, outras formas de atendimento potencializam os fazeres, as ações — e a alta é mais demorada, pois é necessário não apenas que a abdução de braço alcance o desejado, mas que esta ocorra com o forte-lento, leve-lento-livre, lento-contido-direto e muitas outras qualidades. Um terapeuta ocupacional poderá achar que somente quando um paciente conseguir realizar um forte e rápido receberá alta, isto porque ele é marceneiro e necessitará seguramente destas qualidades em sua vida ocupacional. A subjetividade da cinesiologia não é a de um homem funcional, porém na Arquitetura do Movimento o movimento/meio é sempre relacional. Tais subjetividades diferenciadas certamente implicarão na mentalidade da alta.

Seguindo ainda este pensamento, refletiremos agora sobre a relação das escalas em graus dos movimentos e as ocupações básicas como as AVD'S e AVP'S. Grande parte das estratégias cinesioterápicas visa mobilizar as articulações e

os membros na máxima angulação articular. Compreendemos que essa atitude é necessária para que o sujeito não perca sua amplitude articular e alongamento muscular, porém praticamente nunca são explorados os pequenos e sutis movimentos. E agora surge nossa indagação: grande parte das ocupações humanas não é estabelecida por pequenos e sutis movimentos? O ato de escrever, de alimentar-se, escovar os dentes, costurar, ler e inúmeras outras ações não envolvem pequenos movimentos? Com exceção de alguns jogos desportivos, os grandes movimentos quase não são empregados, mas, muitas vezes, a subjetividade nas práticas terapêuticas trabalha neste sentido. No entanto, nas experimentações corporais, seguramente o sujeito estará vivenciando movimentos e esforços nas amplitudes mais funcionais, ratificando mais uma vez o valor terapêutico ocupacional.

Mesmo que um paciente não necessite tão claramente de determinados esforços para sua vida ocupacional, é importante salientar que, para uma capacidade expressiva, para uma metalinguagem e para ampliação psíquica, existencial, todos os esforços se fazem necessários. Neste sentido, a limitação corporal é uma limitação existencial que pode ser modificada pela terapia ocupacional.

FINALIZANDO

As práticas reabilitatórias ainda não dão conta de uma terapia complexa que entenda toda a diversidade do corpo. Então, se faz necessário permitir outros saberes, muitos dos quais estão além do objetivismo científico. A transdisciplinaridade instaurar-se-ia quase que necessariamente. A terapia ocupacional é parte fundamental desta transdisciplinaridade.

Apesar de diferentes profissionais estarem atuando na área da medicina física, às vezes mal se chega a uma equipe multidisciplinar, e o que observamos, com certa frequência, é a formação de um especialismo, que em certas circunstâncias tende até ao antagonismo, e uma visão da singularidade de cada saber e prática, que não são legitimados em sua potência máxima.

A terapia ocupacional, a nosso ver, traz consigo, na base de sua formação, uma tendência à transdisciplinaridade, pois lida com paradigmas estéticos que possibilitam outros entendimentos, além dos já consagrados pela ciência clássica.

Justificar a terapia ocupacional por sua conjuntura híbrida, complexa, é acreditar que ela pode provocar novas desestabilizações, transformações e inovações no campo da reabilitação, possibilitando ao seu cliente uma maior possibilidade de descobertas do seu corpo e movimento.

78

Explorar ao máximo a expressividade dos esforços de Laban é apostar na transdisciplinaridade na terapia ocupacional e na vida, pois é produzir no sujeito mudanças nos aspectos psicológicos, afetivos, sociais e sensoriais. Estamos produzindo novos campos existenciais, intensificando o corpo-sem-órgãos, nas palavras de Deleuze e Guattari (1996). Um homem capaz de viver a pluralidade de seu corpo é um homem feliz. A terapia ocupacional, com suas dinâmicas, pode produzir tais mudanças.

Visualizamos que a prática da terapia ocupacional associada ao sistema de Laban é uma proposta da contemporaneidade, que entende o homem através da multiplicidade, do devir, da mudança, do variacional e do estético.

Uma nova força deve ser produzida na terapia ocupacional e nos corpos-sujeitos com quem ela lida. É a força dos esforços, de um corpo-criação, um corpo-arte, de fazeres, de ocupações que desestabilizam e produzem novos corpos. É a

força da existência de um paradigma estético para os corpos em movimento, para os corpos em ações, para a terapia ocupacional. E para a vida.

Referências Bibliográficas:

BOURCIER, Paul. *História da dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EAGLETON, Terry. *Marx*. São Paulo: Unesp, 1999.

HAY, James G.; REIDER, Gazin. *As bases anatômicas e mecânicas do movimento humano*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1995.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1990.

LEIBNIZ, Gottfried Wilelm. *Os princípios da filosofia ditos a monodologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MIRANDA, Regina. *O movimento expressivo*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

MORENTE, Manuel Garcia. *Fundamentos de filosofia — lições preliminares*. São Paulo: Mestre Jou, 1980.

VII Laboratórios do Corpo em Terapia Ocupacional

Neste capítulo tentaremos realizar algumas organizações metodológicas que possam auxiliar os terapeutas ocupacionais que desejem trabalhar com atividades corporais. Já discutimos, ao longo deste livro, que qualquer fazer é um fazer com o corpo; logo, terapia ocupacional sempre trabalha com o corpo, mas podemos empregar apenas o corpo em uma atividade nas oficinas de consciência e expressão corporal.

Quando pensamos num trabalho com atividades corporais, geralmente acreditamos que é necessário ter conhecimento de algumas técnicas e metodologias específicas que são divulgadas em nosso meio. Conhecemos uma série de métodos e análises corporais que oferecem formações diversas. Porém nossa proposta aqui é mais simples. Tentamos criar uma metodologia que possibilite a qualquer terapeuta ocupacional criar suas oficinas, grupos e atendimentos com atividades corporais.

A metodologia que aqui vou expor está longe de ser uma forma definitiva de aplicação de estratégias corporais. Ela deve ser modificada, reinventada, hibridizada com outras possibilidades, saberes etc. Assim, ela deve ser vista mais como uma

orientação inicial para que cada terapeuta construa seus planos singulares de atuação.

Para criar essa metodologia — que venho empregando em alguns atendimentos onde atuei como terapeuta ocupacional e que também tento transmitir aos meus alunos de graduação —, identifiquei que geralmente os terapeutas ocupacionais se sentem “constrangidos” ao usarem atividades corporais, porque o que geralmente temos nas metodologias corporais mais freqüentes são técnicas com exercícios bastante estruturados, que de algum modo necessitam de uma certa iniciação. Para minorar esse problema, procuro então encontrar não exercícios ou técnicas específicas, mas parâmetros corporais que permitam muito mais uma exploração criativa do corpo do que reproduções fiéis de seqüência de mobilizações e posturas. Esta tentativa tem duplo sentido. Primeiramente, porque considera a terapia ocupacional maior do que qualquer método ou técnica formalizada; segundo, porque procura desenvolver um processo de democratização da experiência corporal que seja simples e acessível a grande parte dos indivíduos. Observo que a maioria das formações corporais apresenta-se de forma hermética, produzindo discípulos fiéis e disciplinados aos seus saberes, e o valor dessas formações excede o poder aquisitivo da maioria da população.

Procurei pensar então três instâncias orientadoras para o trabalho com o corpo. E digo de forma simplificada a seguinte frase: “primeiro se reconhece o corpo, depois ele se expressa e por ultimo o corpo cria”. Há, então, o momento da consciência, o da expressão e o da criação corporal. Esta separação bem simples é, de certa forma, didática e reducionista, mas nos serve para uma orientação basilar.

Falemos então desses três momentos.

I — A consciência corporal

Sabemos que a estruturação do corpo depende de organizações que vão formar a imagem e o esquema corporal. O esquema, como já vimos anteriormente, é constituído por uma memória da organização deste corpo, e se faz na medida em que este corpo interage com o mundo. Os estímulos diversos é que vão contribuir na organização deste corpo (Lent, 2001). Temos então os estímulos exteroceptivos, os proprioceptivos e os interoceptivos.

Num trabalho corporal, podemos pensar em iniciar um programa de tratamento intensificando estes estímulos, a fim de que este corpo se reconheça ou busque novas organizações.

Com relação aos estímulos exteroceptivos, já apresentamos diversas formas de trabalhar com eles no capítulo sobre imagem e esquema corporal. Aqui, nesta pequena metodologia, vamos ressaltar a importância de estimular a pele como fator de consciência corporal potente. Algumas técnicas bem simples parecem favoráveis, como a escovação (com escova de unha ou de sapateiro) sobre a pele, ou ainda o massagem feito com bolas de tênis, frescobol ou similares. Neste primeiro momento, todo o corpo deve receber este estímulo, que já dá a noção do seu contorno. Atividades com tintas passadas no corpo, sacos e piscinas com sagu, alpiste, fubá também serão valiosos. Muitos outros estímulos exteroceptivos podem ser pensados. Esperamos que a criatividade dos terapeutas ocupacionais dê conta disto.

Depois, temos que fazer o corpo reconhecer suas dimensões mais internas. É preciso então realizar as estimulações proprioceptiva e interoceptiva. Para a propriocepção, um exercício simples é realizar a percussão óssea com varetas de

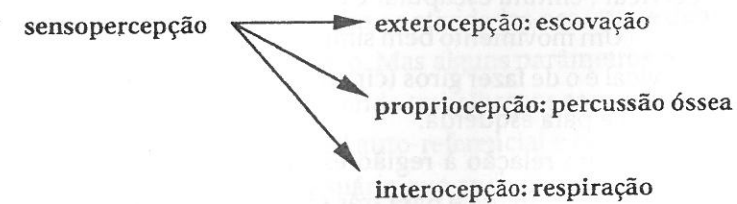
bambu ou colher de pau. O terapeuta ocupacional deve tentar percutir toda a ossatura do corpo; é mais fácil então procurar as proeminências ósseas mais salientes, como clavículas, maléolos etc. É importante também não deixar de executar esse exercício na caixa craniana. A percussão óssea produz uma onda sonora que se propaga facilmente nos sólidos (que aqui são os ossos), e essa vibração estimula terminais nervosos localizados principalmente no periósteo. Podemos também trabalhar com a co-contracção, usando a aproximação articular passiva ou explorando os apoios e peso para tal fim. A colocação de fontes sonoras, como diapasão e pele de instrumentos de percussão, é possível também. Há ainda a possibilidade de se trabalhar deslocamento de segmentos do corpo, com os olhos fechados, tentando localizar espacialmente seu percurso. Isto pode ser produzido quando se tenta alcançar objetos no espaço por memória cinética, sem auxílio visual.

98

A interocepção é a mais difícil de ser estimulada e conscientizada, mas determinados exercícios respiratórios são fundamentais. Algumas dicas para uma boa respiração são simples, mais importantes. A primeira é se conscientizar principalmente a expiração. Por esta fase respiratória ser passiva, geralmente a tornamos cada vez mais curta por produzirmos a diminuição da extensão das musculaturas expiratórias, que não são ativadas na respiração involuntária (Souchard, 1989). É preciso solicitar ao nosso usuário que tente expirar lentamente, retirando a maior quantidade de ar do seu corpo, pelo maior tempo possível. Usando atividades, podemos contar o tempo que ele expira procurando aumentar cada vez mais este período: trabalhando com letras de músicas podemos pedir que nosso usuário inspire ao final de cada frase da letra da canção, depois podemos ampliar a capacidade respiratória pedin-

do que tente respirar somente depois de duas frases inteiras. Outras atividades bastante tradicionais na terapia ocupacional, como pintura a sopro, futebol de bolinha de isopor, entre outras, podem ser de grande valia. O terapeuta deve perceber que o abdômen e o tórax diminuem de diâmetro com esta expiração, e é nítido que a expiração longa e profunda torna-se voluntária, e que realmente estamos ativando e alongando as musculaturas expiratórias. O terapeuta ocupacional também pode auxiliar com as suas mãos a mobilização das costelas flutuantes, pressionando-as levemente durante a expiração. Algumas variações deste exercício respiratório podem ser feitas. Nas práticas de yoga, geralmente expiramos ou inspiramos com narinas alternadas, o que produz efeitos diferentes. Se expirarmos alternadamente com apenas uma narina, ora tampando com um dedo das mãos a narina direita, ora a esquerda, é dito que produzimos um relaxamento no sujeito. Se é a inspiração que é feita alternadamente, e a expiração com as duas, o que produzimos é uma ativação da energia e do metabolismo.

Resumidamente, produzimos num primeiro momento a consciência do corpo do sujeito ativando a sensopercepção:



Centros geradores do movimento

Após essa consciência do corpo do sujeito, é necessário organizar sua consciência de movimento. Consideramos então

que existem dois centros basilares da organização dos movimentos: as cinturas escapulares e pélvicas. É necessário que cada uma destas regiões esteja bem consciente e independente uma da outra. Estamos falando da importantíssima dissociação de cinturas, fazemos aqui uma ressalva. As cinturas, para nós, são entendidas como unidades de organização dos movimentos que têm uma certa autonomia em relação à movimentação total do corpo. Assim, por exemplo, quando andamos, braços e mãos têm organizações de movimento particulares e próprias, podendo ser possível essa ação complexa, pois os membros inferiores não se movem na mesma direção dos braços e o tronco mantém uma postura relativamente estável. Quando andamos, podemos facilmente perceber que a região cervical e a cabeça se mantêm numa relativa autonomia em relação às duas cinturas, pois se elas estivessem associadas, andaríamos girando a cabeça para o lado e para o outro, acompanhado o balanço natural dos braços; mas elas ficam estabilizadas e têm independência de movimento. Desta forma, consideramos a região cervical e a cabeça como uma outra cintura, que também organiza as ações e movimentos do corpo.

Temos então que produzir alguns movimentos de consciência nestes três centros basilares de movimento: "cintura cervical", cintura escapular e cintura pélvica.

Um movimento bem simples para conscientizar a região cervical é o de fazer giros (circundação) com o pescoço para a direita e para esquerda.

Com relação à região escapular, o "rodar", o girar os ombros para frente e para trás são facilmente realizáveis.

Na cintura pélvica, uma rotação e circundação coxo-femoral podem ser satisfatórias. Nossos leitores estarão se perguntado se mover as mãos não é importante para o tra-

balho da cintura escapular. Facilmente percebemos que sim, que qualquer mobilização nas cinturas pode ser realizada, mas é importante que não deixemos de mobilizar as articulações proximais, pois é de lá que os movimentos das extremidades partem.

Agora temos uma consciência do corpo (sensopercepção) e uma consciência dos centros geradores de movimentos. Este corpo está pronto para atuar no mundo. Mas para organizar o corpo no mundo é preciso que o espaço, o tempo e a intensidade dos objetos, pessoas e ambientes (Lent, 2001; Kandel *et al.*, 1997) ao seu redor sejam conscientizados. Toda ação ocorre num espaço, num tempo e com determinadas dinâmicas nos movimentos. Por exemplo, quando um jogador espera para saltar e agarrar uma bola que vem próxima, ele tem que calcular quando e para onde saltar, da mesma forma que o tipo de bola, seu peso e diâmetro indicam se esse jogador deve usar muita ou pouca força para agarrar a bola, ou seja, condicionam sua intensidade de movimento e ação.

A exploração do espaço

Existe uma infinidade de maneiras do corpo explorar o espaço. Assim, não será difícil cada terapeuta ocupacional criar suas estratégias, pois todas as atividades ocorrem e dependem da organização do espaço. Mas alguns parâmetros podem nos ajudar neste sentido. Quando trabalhamos com o corpo, temos uma exploração espacial auto-referencial e hétero-referencial. Se solicitarmos a um usuário que ande para a frente, para trás, para a esquerda, ou para a direita, ou que eleve seus braços para cima, a organização do espaço é auto-referencial: é o corpo que serve como indicador do espaço. Mas se pedirmos que ele se desloque para a parede que tem a janela, ou para a parede da

porta, a organização é hétero-referencial e podemos ainda ter um movimento combinado — por exemplo, podemos pedir que ele caminhe para a parede da janela de costas.

Também é possível explorar os espaços realizando grandes e pequenos movimentos, grandes ou pequenos deslocamentos com o corpo, movimentos que se expande e se recolhem; explorar movimentos deitados no chão, sentados ou de pé. Há uma infinidade de possibilidades viáveis.

Noção de tempo e intensidades

102 — O termo intensidade que aqui utilizamos é retirado das neurociências. Ao referir-se às sensações, a neurologia afirma que a experiência sensorial nos permite identificar o tipo de estímulo e as qualidades deste. Mas toda apreensão dos estímulos do meio externo nos permite agir de forma precisa sobre o mundo, e quando agimos organizamos nossas ações em relação a estes estímulos. Se a neurologia se refere a uma qualidade do estímulo recebido como intensidade, no ato motor denominamos essa intensidade como esforço, como a dinâmica dos movimentos. Este assunto é mais intensamente explorado no Capítulo V, que abordou a Arquitetura do Movimento e trataremos também dos esforços na seção a seguir, que versará sobre a expressão corporal, mas é claro que passivamente podemos receber, num processo de conscientização, uma série de estímulos com intensidades diversas, como os toques leves, pesados etc.

Da mesma forma que o espaço, toda atividade nos solicita um ritmo determinado. É o que Bachelard (2001) denomina de ritmanálise. Mas na ausência de um material e/ou atividades podemos criar várias explorações de movimento lento, rápido, acelerando, ou ainda jogos rítmicos.

Nosso corpo agora já se percebe, atíveu seus centros de organização do movimento e já organiza seus movimentos no mundo. Este corpo agora pode manifestar suas nuances expressivas.

II — A expressão corporal

Um corpo que tem consciência é capaz de explorar as sutilezas das diversas dinâmicas de movimento possíveis. No Capítulo V, sobre Arquitetura do Movimento, apresentamos o sistema Laban, que nos será de grande valia neste momento. Relembrando, vimos que Laban define quatro fatores do movimento: peso (leve e forte); tempo (lento e rápido); espaço (direto e indireto) e fluxo (livre e controlado). Esses esforços podem ser combinados nas mais diversas possibilidades. Todos os fatores devem ser explorados ao longo de um processo terapêutico. Para iniciar uma exploração, a combinação peso e tempo são os mais fáceis. Então podemos, por exemplo, solicitar que nosso usuário, movido por estímulos sonoros, imagéticos etc., explore as combinações forte-rápido e lento-leve. O espaço e o fluxo não são tão facilmente entendidos. Uma estratégia para facilitar a exploração do espaço é solicitar que o usuário realize movimentos mais arredondados, procurando não definir uma trajetória clara; ele estará explorando o espaço indireto. Se seu braço realiza movimentos mais retilíneos, chegando a um ponto bem definido no espaço, estes movimentos são diretos. Lançar um braço e deixá-lo cair pode auxiliar na percepção do fator fluxo em seu estado livre, mas pedir para buscar a sensação de flutuar com o corpo permite a exploração do movimento controlado.

Nosso usuário agora reconhece seu corpo, movimentos e ações, e realiza com ele dinâmicas variadas.

III — A criação corporal

Nesta última fase da metodologia que estamos expondo exploraremos um pouco a idéia de dança criativa, que será apresentada com mais detalhes posteriormente. A criação corporal é mais fácil de ser executada, quando nosso usuário, consciente de seu corpo, movimentos, ações e dinâmicas é capaz de criar "frases de movimentos" com diversas possibilidades motoras, que podem ser dadas pela dança criativa.

Helenita de Sá Earp, apresenta para a dança teatral ocidental alguns parâmetros mais freqüentes que podem ser trabalhados nesta fase, possibilitando outras explorações corporais por parte de nossos usuários.

Helenita define as famílias da dança pelos seguintes elementos:

- voltas
- quedas e elevações
- saltos
- deslocamentos
- transferências

As voltas são as famosas piruetas em dança, ou seja, quando giramos em torno do nosso próprio corpo estamos realizando uma volta. Uma das maneiras simples de levar esse parâmetro para nossos usuários é fazê-los rolar no solo.

Os saltos são bem claros e podem ser realizados com as duas pernas ou apenas uma. A amarelinha, o pular corda podem nos ser úteis para tal experimentação.

Se sustentamos os braços para o alto e depois deixamos o braço cair solto, sem controle, realizamos uma queda; a elevação seria o movimento de retornar a postura inicial com os

braços para cima. Este movimento, que se inicia numa parte do corpo, deve ser também vivenciado no corpo como um todo.

O deslocamento ocorre quando locomovemos o corpo de um lugar para outro. As transferências são realizadas sempre que transferimos os pontos de apoio de uma parte para outra do corpo; o caminhar é uma transferência de um pé para o outro.

Em nossas práticas terapêuticas, podemos estimular que nosso usuário explore estas diversas possibilidades e crie frases de movimento onde todos os fatores de consciência, de expressão, sejam combinados nas mais diversas formas.

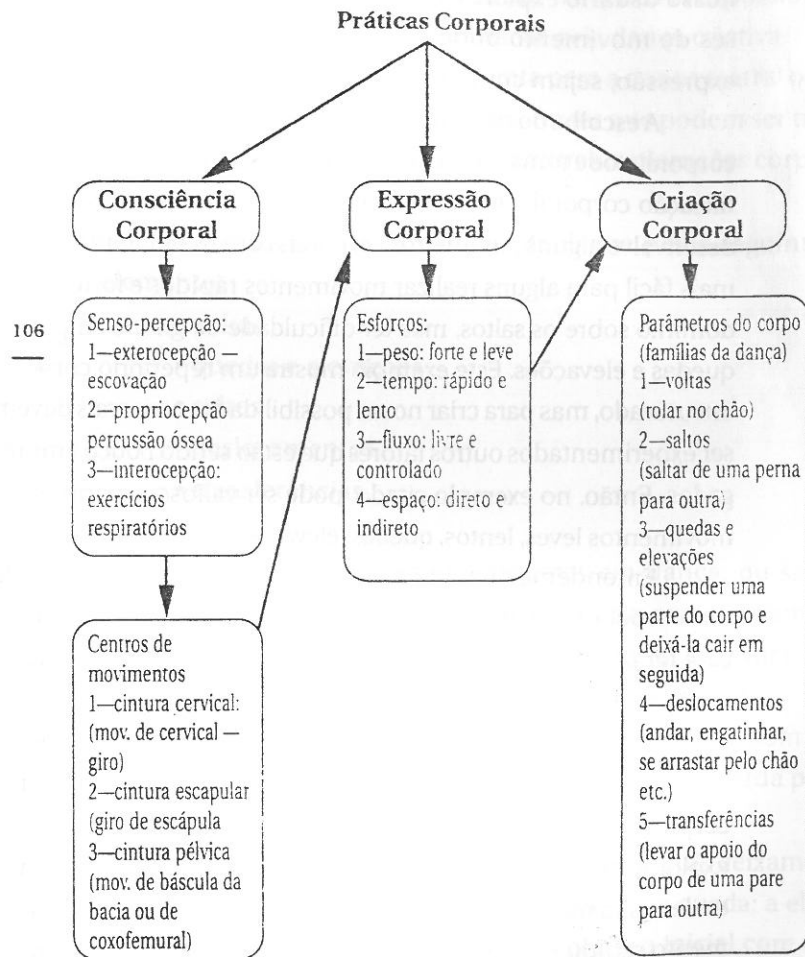
A escolha do parâmetro que vamos intensificar na pesquisa corporal pode tomar como referencial o estudo dos *ícomos* (identificação corporal e motora). Cada sujeito, ao longo de sua vida, desenvolve alguns parâmetros corporais com mais intensidade. É mais fácil para alguns realizar movimentos rápidos e fortes, com domínio sobre os saltos, mas ter dificuldade de girar e empregar quedas e elevações. Este exemplo mostra um repertório corporal estruturado, mas para criar novas possibilidades corporais devem ser experimentados outros fatores que estão sendo pouco empregados. Então, no exemplo citado, pode ser valioso experimentar movimentos leves, lentos, quedas, elevações e giros.

Entendemos então que essa análise dos parâmetros de um corpo, que denominamos de *ícomos*, pode ter dupla função: ler o vocabulário corporal, identificando permanências e poucas explorações de parâmetros corporais, bem como, a partir daí, traçar estratégias para trabalhar com usuários e grupos.

Uma outra dica que colocamos é que estes parâmetros corporais estão presentes nas atividades e também podem ser explorados por elas. Facilmente identificamos que o fluxo livre e o leve são mais afins com o uso de tintas aquareladas. O movimento rápido e controlado é afim com as canetas hidrocor.

Nosso objetivo é demonstrar que há muitas possibilidades de explorar os parâmetros corporais, e esperamos que a criatividade, a sensibilidade e pesquisa dos terapeutas ocupacionais possibilitem inúmeras estratégias clínicas com estes parâmetros.

Finalizamos apresentando o esquema de algumas possibilidades das práticas corporais.



Referências Bibliográficas:

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo; Martins Fontes, 2001.

KANDEL, Eric R. *et al. Fundamentos da Neurociências e do Comportamento*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

LENT, Roberto. *Cem Bilhões de Neurônios: conceitos fundamentais de neurociências*. São Paulo: Atheneu, 2001.

SOUCHARD, Philippe-Emmanuel. *Respiração*. São Paulo: Summus, 1989.

VIII Dança e Terapia Ocupacional

Ao iniciarmos a discussão da dança como recurso na terapia ocupacional são necessários alguns questionamentos que acreditamos pertinentes, como: o que denominamos de dança e sua relação com o conceito de corporeidade, por nós já apresentado. Para a nossa discussão, consideraremos a dança análogo à corporeidade, ou seja, como a capacidade de artificializar o corpo, de entrar em outros devires, de criar posturas e gestos significativos. Desde a origem da dança, o homem buscou devires diversos em sua motricidade: devires bisão, urso, pássaro, água, vento e outros. Vestir as forças de outros corpos é perceber que seu corpo perde até mesmo sua ligação com um suposto comportamento motor da espécie.

Para Laban (1978), toda ação tem uma feição tangível e uma intangível. O tangível se refere à ação motora em si; o intangível, à afecção que faz o sujeito produzir tal movimento. Em seu exemplo clássico, quando uma atriz representa Eva pegando a maçã, sua extensão de braço e apreensão da maçã representam o tangível, mas o desejo de pegar a maçã e o afeto que a mobilizou para tal fim é o que chamamos de intangível. Toda atividade humana é movida por essas duas feições. Mesmo nos movimentos mais automatizados e sem sentido para o sujeito, este "sem sentido" é sua faceta emocional, é aquilo que

comumente chamamos de expressivo, mesmo que expresse o empobrecimento de seu campo existencial e de suas ações corporais. Com Laban, qualquer movimento é digno de pesquisa e deve ser explorado num processo de ampliação de possibilidades expressivas e corporais, que em última instância leva à ampliação do campo vivencial dos sujeitos. Compreender cada gesto como poesia é entender a "dignidade" do movimento.

No mundo moderno, como afirma Laban, o homem não é mais seu mestre-de-cerimônias, porque o movimento torna-se estereotipado e repetitivo, levando o sujeito a poucas experimentações corporais-existenciais. Ele experimenta muito, mas não torna estas atividades dispositivos de diferenciação de sua existência. Produzir novas sensações é tarefa da dança livre, que não se caracteriza pela aprendizagem de passos *a priori*, mas pela exploração de gestos constituidores de sujeitos.

110 — Por que problematizar a dança na prática da terapia ocupacional? No que ela difere das outras atividades? Poderia qualquer terapeuta ocupacional empregá-la em sua clínica?

Um problema logo se coloca na relação desta atividade com os demais processos terapêuticos. Se vamos empregar tintas e pincéis, nós, terapeutas ocupacionais, não sentimos necessidade urgente de dominar técnicas de pinturas, isto porque, por alguma condição histórica e cultural, aceitamos a pintura livre — uma pintura sem domínio intenso e sem a intimidação estética do "não saber fazer". Mas com a dança, rapidamente pensamos que para usá-la é preciso saber dançar. Há um conceito de dança forjado historicamente que deve ser questionado, pois não entendemos facilmente que pode haver uma dança livre, como há uma pintura livre; e conseqüentemente a terapia ocupacional tem dificuldade para empregá-la em sua clínica.

Se entendermos a dança na linguagem de Laban, podemos redimensionar seu entendimento e identificar a sutileza conceitual que existe sobre ela. Dança, para nós, se diferencia dos conceitos marcados historicamente sobre a dança — sistematização da linguagem corporal ou, melhor dizendo, dos movimentos identificados e legitimados como dança. Ao contrário, o que aqui apresentamos é a dança como potência de artificializar o corpo, pautada no contínuo fluxo do devir, onde qualquer gesto ganha o estatuto de dança. Dança é pesquisa e sensibilização através do gesto, sem visualizar performances de virtuosidade ou passos definidos. Performance de homens-corpos, repletos de memórias e experiências sensíveis. Como afirma Pina Bausch (*apud* Canton, 1993), não devemos nos preocupar como as pessoas se movem, mas o que move as pessoas. O afeto é que mobiliza e faz o corpo se experimentar em múltiplas possibilidades. Entretanto, sentimos a necessidade de conceituar afeto como o conjunto de forças históricas, econômicas, culturais, políticas que atravessam os corpos. Esses parâmetros demarcam o que denominamos de corporeidade e estabelecem o ponto de convergência entre os nossos conceitos de dança livre, corporeidade e terapia ocupacional.

Devemos entender o conceito de corpo-artesanal como produção de corpos sensíveis capazes de se transformar, de se caotizar e se reestruturar em um outro território. Em última instância, estamos querendo revelar a faceta artesanal e potente da qual a arte da dança, corporeidade e terapia ocupacional podem se utilizar. Devemos aqui lembrar o conceito de estética da existência de Foucault (1984) para o aplicarmos à dança, à corporeidade e à terapia ocupacional.

Se o sujeito se faz fazendo, como já afirmamos insistentemente, essas ações estão guardadas no corpo como memó-

ria, não só do fazer enquanto seqüência das etapas atividades, mas enquanto qualidades corporais, enquanto experiência, enquanto corpo vivido. Guardamos as qualidades de nossas atividades em nossos corpos, tanto na anatomia constituída como no repertório gestual com suas qualidades expressivas.

Quando dançamos, esse corpo mnêmico é ativado, não somente enquanto ação formalizada, mas enquanto qualidade, enquanto dinâmica no sentido labaniano. Dançar é fazer uma síntese da vida, de nossas ocupações pregressas. É quando todos os antepassados dos fazeres do sujeito se apresentam numa espécie de híbrido de condensação histórica. É o que chamamos de sumário corporal, que conecta as mais díspares atividades através de suas dinâmicas. Numa dança podemos usar os gestos de nossas orações, associados, intercalados com as qualidades motoras de nossas práticas sexuais. Na dança, com seu sumário corporal, toda ambigüidade é possível e não-conflitante. Esse sumário corporal das características de estruturação do corpo, é o que entendemos por corporeidade. Corporeidade não deve ser confundida com uma estrutura de corpo, pois ela só é pensada através de estruturações. "O corpo é a diferença irreduzível, e é, ao mesmo tempo, o princípio de qualquer estruturação (já que a estruturação é o único da estrutura)" (Barthes, 1975:186).

Trabalhar na corporeidade é reviver as atividades que se imprimiram nos corpos. As materialidades têm vida própria, isto é, uma resistência, e cada corpo luta contra estas resistências das materialidades nas ações, atividades, fazeres. Essa resistência corporal é tanto motora como afetiva — é o tangível e o intangível do fazer.

Na dança, os objetos e as materialidades das ações experimentadas ao longo da história dos sujeitos são retirados,

e nossa expressão se dá puramente através do corpo, ou seja, o corpo é o próprio material a ser modelado em múltiplas formas. A dança difere das outras atividades porque nela há a amplificação da memória de movimentos, ou seja, da mão para o corpo como um todo, independente de objetos, matérias e instrumentos das atividades. Não importa com que parte realizávamos um determinada ação; suas qualidades expressivas, suas dinâmicas se amplificam em todo sujeito. Se a materialidade do corpo e sua expressão não têm objetos intermediários, a comunicação é rápida, intensa e direta. A dança não precisa rerepresentar as atividades que fazíamos sem os objetos, como se fosse mímica, mas apenas suas qualidades expressivas. Logo, dança é uma atividade expressiva que não precisa ser representacional. A partir de nossa memória gestual produzimos movimentos, produzimos sensações, espécie de híbridos inéditos; temos aí a criação do corpo-arte. Expressão em dança tem duplo sentido: é ativação da memória da intensidade pura do movimento e produção de novos gestos, novos corpos.

É importante também relatar que num trabalho de corporeidade em grupo a dança permite que o particular, sentido como individual, esteja no coletivo sem ser "invasivo", e é também síntese das corporeidades do grupo, dos repertórios, pois o suporte expressivo-corpo-individual é mantido e associado a outros corpos. É coletivização das singularidades. É onde o outro é espelho de mim em múltiplas variações, nos quais a "sintaxe" se mantém e a entonação varia. Quando olhamos alguém que repete o movimento que criamos, identificamos semelhanças e diferenças no seu modo de realizar, há uma "cor" própria de cada corpo, apesar da forma, da trajetória do movimento serem as mesmas. Espelhar no semelhante a diferença nos produz um intenso

conhecimento de nosso próprio corpo e estruturação existencial, que nos permitem resistir à nossa corporeidade constituída e navegar em outras gestualidades.

Na rememoração dos antepassados do fazer, produzindo o sumário corporal, na amplificação de movimentos, a corporeidade, a dança e a terapia ocupacional estabelecem relações de grande intensidade. Este agenciamento produz uma espécie de memória e esquecimento que nos levam à capacidade de sonhar sem ver, cheirar sem cheiro, tocar sem objeto, mas isto só é possível porque as densidades das materialidades estão impressas em nossos corpos. Dançar é mobilizar a ancestralidade do fazer e, ao mesmo tempo, inaugurar novas dinâmicas.

114 — Mas como compreender essas características dos movimentos? É preciso entender que cada corpo guarda um repertório motor e de posturas que chamaremos de ÍCOMO (identificação corporal e motora), constituída por meio de elementos da cultura, da história, do gênero, dos fazeres, da ancestralidade do corpo etc. A partir do ÍCOMO, sabemos como iniciar um processo. Conhecemos este corpo e seus territórios gestuais. Para estudar os ÍCOMOS é preciso ter noção dos parâmetros do corpo, o que nos possibilita fazer uma leitura dos corpos que trabalham, pois percebemos que parâmetros são mais frequentemente usados e, ao mesmo tempo, criamos estratégias de atuações terapêuticas ocupacionais em dança. Assim possibilitamos a experimentação de novos repertórios corporais. Logo, é importante notar que uma proposta de dança livre não é espontaneísta. O ÍCOMO, na terapia ocupacional, pode ser trabalhado a partir de qualquer parâmetro corporal de que se tenha consciência. Neste livro, por exemplo, já discutimos

os esforços de Laban que podem ser empregados. Apresentaremos a partir de agora alguns destes possíveis parâmetros do corpo e movimento; mas qualquer outro conhecido pode ser explorado.

Os ÍCOMOS e os parâmetros do corpo podem ser lidos através de:

Partes do corpo que se relacionam com maior ou menor intensidade;

Dinâmicas da melodia cinética (esforços);

Espaços e formas mais empregados;

Formas corporais mais freqüentes;

Universos de repertório corporal em famílias da dança;

Partes do corpo.

Num processo de análise dos ÍCOMOS, percebemos que cada sujeito geralmente se move mais com partes do corpo. Devemos analisar que partes são mais empregadas por cada um e levá-lo também a explorar as partes corporais que menos emprega.

As partes de corpo podem ser empregadas como:

Partes do corpo isoladas;

O corpo como um todo;

Unidade Superior ou/e inferior;

Relação com outros, com partes e com objetos.

Com relação às dinâmicas (sistema Laban), conforme já apresentamos anteriormente, podemos ter:

Tempo: rápido e lento;

Peso: forte e leve;

Espaço: direto e indireto;

Fluxo: livre e controlado.

Quanto aos espaços, de acordo com o sistema Laban uma maneira de analisá-los se refere às direções que o corpo toma no espaço. Para esta orientação, Laban trabalha com os sólidos espaciais: o octaedro, o icosaedro e o cubo que indicam as direções do nosso corpo no espaço: nossos movimentos podem ser orientados para cima, para a direita, para a esquerda, para direta-alta, para esquerda-atrás-baixa etc. Podemos também avaliar a escala com que os movimentos são realizados (grandes ou pequenos etc). Laban também define três níveis de movimentos. Se explorarmos deitados no chão, estamos no nível baixo, se estamos nos movendo sentados ou engatinhando, o nível usado é o médio; ao nos deslocarmos na posição bípede, é no nível alto que nos movemos. Assim temos:

Direções, eixos, planos:

Grandes e pequenos movimentos:

Níveis: alto, médio e baixo.

116

Laban também define um espaço que não se configura pelas trajetórias, escala ou níveis, mas por uma disposição afetiva do sujeito e de como ele se relaciona com o espaço. Se, por exemplo, estou apenas voltado para meus pensamentos, devaneando sem qualquer atenção ao que se passa em meu corpo ou ao redor dele, dizemos que me encontro no espaço interno, porque não me vinculo a nada do espaço, a não ser a imagens e afetos internos. A kiner-esfera acontece quando, lendo um livro, volto minha atenção para um espaço que circunscreve o campo de ação próximo ao meu corpo, quando percebo um espaço externo limitado pela proximidade de atuação de meu corpo. A maioria das atividades artesanais e de arte acontecem neste espaço da kiner-esfera. Na maioria dos

jogos desportivos coletivos, como futebol, voleibol, queimado, tenho minha atenção voltada para uma grande dimensão espacial; neste caso me movo no espaço global. O espaço psíquico-relacional, portanto, abrange:

Espaço interno;

Espaço da kiner-esfera;

Espaço global.

Não devemos esquecer ainda que o espaço também delimita as formas que o corpo realiza, e que podemos também analisar e explorar estas formas — angulares, sinuosas, arredondadas etc. — na dança livre.

Quando trabalhamos com elementos da dança livre, podemos usar alguns parâmetros exploratórios que são mais correntes na dança ocidental. O sistema Helenita Sá Earp (apud Gualter e Pereira, 2000) define cinco elementos básicos da dança, denominados famílias da dança.

As famílias (sistema Helenita Sá Earp) se caracterizam por:

1. Quedas e elevações
2. Saltos
3. Deslocamentos
4. Voltas
5. Transferências

Ao irmos em direção ao nível baixo, como acontece no final da ciranda "Atirei o pau no gato", temos uma queda. Elevações e quedas também ocorrem na brincadeira de vivo-morto. Quando um jogador de voleibol pula para sacar uma bola, temos um salto. Qualquer forma de nos movermos no espaço, andan-

117

do, arrastando, engatinhando, são formas de deslocamento. Na brincadeira de corrupio, temos uma volta. As transferências acontecem quando modificamos nosso ponto de apoio; se caminhamos ora o peso está no pé direito, ora no esquerdo; ao sentarmos e levantarmos, também mudamos nossos pontos de apoio.

Neste trabalho não nos propomos a apresentar uma sistematização definitiva de trabalho em dança livre em terapia ocupacional, mas apenas suscitar que é possível repensar a dança para longe dos cânones tradicionais que a encaram somente enquanto ordenação de passos preexistentes ao sujeito. A partir de uma ancestralidade do corpo, representada aqui pelos ÍCOMOS, podemos propor algumas novas vivências corporais, que não anulam sua corporeidade estruturada mas a ativam de modo intenso para com ela incorporar novas possibilidades motoras, reorganizando esse sujeito-corpo em outras esferas de sua motricidade e existência.

118

Referências Bibliográficas:

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1975.

CANTON, Katia. *E o príncipe dançou...: o conto de fadas, da tradição oral à dança contemporânea*. Rio de Janeiro: Ática, 1993.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2 - o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUALTER, Kátya; PEREIRA, Patrícia. *Fundamentos da Dança*. Rio de Janeiro: Pós-graduação em Dança-educação (DAC/EEFD/UFRJ), 2000 (apostila digitada).

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

IX *Ética e Eficácia da Terapia Ocupacional, ou a Produção de Estratégias de Eficácias Singulares*

Nosso objetivo aqui é discutir o conceito de ética e sua importância para a eficácia da terapia ocupacional. Talvez ética e eficácia estejam tão interligadas que a eficácia da terapia ocupacional seja uma potente postura ética. Verificaremos que uma postura ética implica na constante análise e criação de estratégias, metodologias e técnicas singulares, ou seja, um constante ato de reinvenção de terapias ocupacionais. Se nosso leitor ainda não percebeu, chamaremos a atenção para o fato de que, ao longo deste livro, escrevemos com muito orgulho terapia ocupacional com letras iniciais minúsculas, revelando-a não como uma prática unitária e uniforme, mas diversa, plural. São muitas terapias ocupacionais, e não uma única Terapia Ocupacional. Isso significa que a terapia ocupacional está sendo constantemente reinventada, recriada; logo, o conceito de ética é indissociável do conceito de estética, de arte. Para muitos, tal postura poderá ser tensa, caótica, considerada não-científica, desqualificada e outros adjetivos similares. Porém, conforme problematizaremos, uma postura ética e estética significa